

# Park e Som das Tulipas

Robério Motta



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatória

*A minha Amada esposa Ludmila  
e meus maiores tesouros Luísa e Rodrigo.*

*Com Amor!*

*Sou feliz a cada momento...  
Sou feliz por ter você meu amor!  
Sou mais forte por ter você junto de mim,  
Que me dá coragem para vencer desafios,  
abraçar o tempo e ultrapassar a ponte,  
pois sei que tenho meu porto seguro,  
meu amor,  
minha vida cada vez mais viva junto de ti  
e de nossos em nosso ninho.*

## Agradecimentos

Aos Meus Pais Rita e José Humberto Norões Motta

Pela Vida,

Por tudo!

## Sobre o autor

Médico Gastroenterologista, Poeta, Apaixonado pela Vida, pelo SER-tão, pelo Estado de Graça do Cariri.

## resumo

Pandeiro Brejeiro

Doutor toma conta de mim!

Doce e branca d'Alma

PAssaRÁ

Luísa

Sobejo - Beijosó

Engenho da Saudade

A pequena Pardal

Ponteiros

Pausas...!

Caminho, ninho e Estrada...

Sopro do MAR

CARIRI: Um Estado de Graça

Vitrine de Mãe

Gaietà

Pardejar sem Doer

Apelo a um Candelabro

Privilégio desimpedido

A pena de(a) ave

Baqueano pela estrada do tempo

Vela Plena de Paz

O Carteiro, O Selo e o Canteiro

Dedos D'Areia

Lupanares

**ALUAMENTO**

Não sabes a dor de um homem

**Veritas Vincit**

Rumo ao Sol - O Grande Encontro da Família Motta 200 Anos

**Regaço & Ar brigo**

Pisada

**Aguardamento**

Luar de Anelo

**Benfazejo Cantador**

Parapeito Alumiado

**Gigantes da Mansidão**

A Mina de essência e O Mimo do Ninar

**Bárbulas que não se calam**

Condir

**Jaz Jatobá**

Soldadinho do ARARIPE

**Feito rede apertada**

Carta a Um Amigo

**Poeta da Vida**

A Voz da Foz

**Fresta de luz**

Pedras de Atiradeira

**Retina**

Terno de Couro

## PEDRINHAS

Dobradiças do tempo

No Teu Mundo

Andarilho

Palavras Soltas Aos que Inda Ouvem

Lutaminha

Verde Terno

Saudade:...

Vitrine de Mãe II

Balaio da Vida

Janelas da Vida

Farruca

Ícaro e seus sonhos

Matrinxã

Cidade Luz

Estrelar

O abraço da Casa Grande com a saudade

Flores de Gravatá

Sonhar com o sonho, Viver com o sonho e doar seu sonho

Meridiano

Repente

## Pandeiro Brejeiro

Ê pandeiro véi  
Em teu couro  
Vi o dedilhar de amores  
Vi o mundo  
Vi as cores!

Eh pandeiro véi  
Tu andas sumido  
Trocou teu nome  
Andas inibido

Agora é uma tal de pandemia  
Que em teu colo desafia  
E hoje com ar da nostalgia  
Lembro de tu e das Pradarias

Em tua vasta história  
Em teu reinado relvado  
Sem árvores ou arbustos  
Sinto dó do teu calado

É na relva inda suada  
É na planície inda plana  
É dentro de ti a minha Iracema  
Que vem a doce calma e serena

E tua pele esticada  
De alma plena e lavada  
Com teu choro de toque final  
Tua voz brejeira e marcante

Que chega de mansinho  
Após a entrada do piano



E tu lá vem devagarinho  
Suada melodia com tuas suas

Te vi e ouvi sob Arcos da Lapa  
Ou no bar da eterna Mocinha  
Vinhas tu descendo a ladeira  
Pedindo passagem, compasso e linha

Me rebaixo ao baixo do teu som  
Na encosta do teu dedilhado  
Fazendo referência ao passado  
Clemente e cheio de precondia

Meu amigo pandeiro  
Compartilhes tua dor  
Teu canto de saudade  
Mesmo que eu não seja merecedor

É tua a derradeira voz  
Por vezes mal entendida  
De nostalgia e precondia sem algoz  
Encostada na cuica desenebida

E quando voltares a avenida  
Ah pandeiro véi  
Eu e tu sem medidas  
No giro mundo de vidas

E os dedos voltar a te dedilhar  
Dançando sobre teu sonoro piso  
Do couro belo e curtido  
Daquele que começa no canto  
Meio sem querer  
Meio inibido  
Vindo mas não esquecido

Manso e quase escondido

Muito depois do bandolim

Muito depois do cavaquinho

Esperando a nota do violão

Do nobre piano ou do baião

Entras tu pandeiro devagarinho

Feito pássaro ao sair do ninho

Feito doce de avó

Feito calor de paixão

Feito homem passarinho

Aprendendo com a desilusão

Desesperado pra te escutar

O entrar do teu canto

Doido pra fazer parte do teu luar

Entrar com o bailar do pranto

Ah pandeiro véi

Multicores

Desabores

Meus amores!

14/05/2020

Estado de Graça do meu Cariri

Roberio Motta

(Em homenagem ao colega Lemme)

## Doutor toma conta de mim!

Não quero ver só seu rosto!  
Distante e sem cor  
Quero ver como antes  
Olho a olho - cor a cor

Não quero de longe  
só escutar sua voz!  
Quero aquele abraço amigo  
De perto e paciente monge.

Quero conhecer quem cuida de mim,  
quem cuida dos meus e de nós.  
Sentar e conversar  
No seu consultório a sós.

Doutor se aproxime  
e aperte a minha suada mão.  
Quero ver o seu sorriso  
Tua escrita feita à mão.

Sei que seu dia é corrido  
e fazes Medicina por  
paixão.  
Volta a trazer sorrisos  
Alegria e compaixão.

Por favor não vá embora  
atrás desta tela  
que não sente a minha alma  
e nem ausculta meu coração.

Doutor não diga não à Medicina,  
não se afaste de mim não.

Eu que vim de tão longe  
E esperei tanto para apertar a sua mão.  
E você também ao longe  
atrás do visor e sem emoção.

Estás cada vez mais distante  
e em teu lugar  
a voz melan-cólica do computador da ilusão.

Como podes me ajudar  
se minhas lágrimas  
por vezes tu não mais vês,  
nem minha história  
e nem minha vida  
não conheces e nem quer saber.

Esqueceu de ver a ferida  
bem perto da solidão  
e tudo passou despercebido no traçado do coração.

Não viu a minha dor,  
meu semblante e torpor  
Nem minha mão tremendo  
Meu *flapping* e meu suor.

Foi tudo tão rápido  
Sem emoção e sem dó  
E quando percebi  
cheguei e sai só.

E carrego no meu peito  
A mesma dor  
e na garganta o mesmo nó.

E tu cada vez mais distante

e a Medicina que chora  
ao te perder  
vendo a pancada da porta que se fecha  
sem tu mesmo perceber.

Doutor, como podes me ajudar ?  
Refazer o refazendo,  
construir o destruído,  
escutar meu choro  
e não só ruídos perdidos.

Ver o meu e o teu todo  
e não só minha face,  
conversar e me escutar,  
ver meu baço e me palpar,  
ver meus pés e 'tocar'  
o cacifo que teima  
em não desaparecer até tu voltar.

Volta doutor e toma conta de mim.  
Tenho histórias e filhos,  
tenho vindas e vidas,  
tenho fé e medidas,  
tenho estômago que queima  
e apêndice que se esconde  
como tu que hoje some  
sem nome e sem mim.

Veja meus olhos dourados  
teimando por um diagnóstico  
não vá nos contos malvados das empresas sem dó  
que te afastam da Medicina,  
de mim e de ti  
e assim morremos sós!

Ah meu coração ainda pulsa

e sopra seu sistólico, quase melancólico,  
de ritmo sem rito,  
só lamento de um sopro  
e junto do sufoco com uma B3 trá...!

Traz de volta a Medicina  
e abra a janela do coração.  
Abre a porta sem demora  
onde mora a hipótese  
E traz a luz na escuridão.

Eu te suplico  
fica perto e sem desatino  
Traz de volta não desanimas  
a história e o prognóstico  
e com ela a bela arte do diagnóstico.

Abres a porta da espera  
e deixa entrar o meu deambular  
e minha voz embotada, triste e singela.

Estou aqui cheio de nó!  
Nó na garganta feito '*globus*',  
nó na alma nua e despida  
sem tuas mãos esculpidas  
e cheia '*Ais*' e de dó.

Minha barriga distendida  
de flatos, de fato e cheia de '*só*'.  
Sem sol, só solidão  
e uma angústia terrível vinda do coração.  
Não vá embora meu '*dotô*'  
Não me deixes na solidão.

Espero esperando você  
entrar para assim me ajudar.

Me falar, me auscultar,  
Me ouvir,  
me sentir,  
E só depois me receitar.

E minha barriga ainda grande  
Cheia de líquidos e clamor  
busca por teu afeto  
e tua mão de doutor.

Quero que não só ouça minha voz e meu clamor.  
Mas que converse de perto,  
faça o certo  
Se aproxime  
Chegue perto por favor.

Deixe eu respirar  
Contar trinta e três  
Se inspire e me ausculte  
E sinta também meu *fetor* !

Meu hálito que te ajuda  
a diagnosticar com fervor.  
A minha mancha da acantose,  
o nódulo e minha fácies de dor.

O meu cabelo caído  
Meu olhar desmilinguido  
Minha pele e meu temor  
De perder o meu médico  
Ah !  
Traz de volta meu 'dotô'.

A nobre arte esquecida.  
As tristes dores espremidas  
A Medicina esvaída

A espera da poesia e da vida

A fala sem tom.

O reflexo, o refluxo,

Os cíbalos.

E a dor sem cor

Pálida e entristecida.

Por favor salvem a Medicina

e alivie minha dor.

Coloquem seus jalecos,

E tragam de volta meu dotô!

*Roberio Motta, Estado de Graça do Cariri, Brasil em 16 de fevereiro de 2019.*



## Doce e branca d'Alma

### Doce e branca d'Alma

Linda e plena  
Feito pluma leve  
Que escorre lenta  
Nas Minas encantadas  
De poesias  
De ternuras  
De brancuras negras  
De negras canduras  
Rica Minas  
Meninas ricas  
Em risos  
Sem desatinos  
Sem desafino  
Linda Mina Menina  
Que escorre feito mel  
Doce de melatonina.

Motta, Roberio

02 de julho de 2020, Estado de Graça do Cariri, Ceará-Brasil.

## PAssaRÁ

*PA-ssa-RÁ*

O sopro da vida  
Não é o sopro da partida  
O canto de cá  
Não sopra o canto de lá

Soprano  
Sorrindo  
Indo sem parar  
Para lá (Pará).

Nas estâncias  
Ser Parador  
Nas estações  
Ser canção  
Ser trem  
Ser trilho do bem  
Sem Pará(ar)  
Sem sentir dor.

O sopro  
O vento vivo lento  
E o teu sorriso dentro  
Que parte sem nos deixar.

E à Estação das Docas  
O Mangal e suas garças  
A triste partida sem sua graça  
E o teatro da paz  
Que nos Abraça.

E, ao meio dia  
Um suspiro em meio ao parque  
A residência e o restô  
E no vagão esquecido  
Abriga o vento leve  
O doce vento que restou.

Seguiremos adiante  
Sentiremos passantes  
Andarilhos  
Nas estações avante  
Trilhos

No embarque  
Ou desembarque  
A certeza  
Seguiremos nós  
Vagões a sós  
Pois, o mesmo trilho da vida  
É, também, o trilho da despedida.

*Por:*

*Roberio Motta*

*Junho de 2020 Cariri, Ceará.*

## Luísa

Minha bela criança nasceu  
Nasceu em uma outubro manhã  
Nasceu trazendo alegria e alento  
Em primeiro encontro de olhar sã  
Vi em seu rosto lindo  
O mesmo sorriso visto antes  
Em sua bela mãe em uma tarde poente ao vento...  
Um dia em sonhei...  
Sonhei em ser pai um dia,  
Felicidade aconteceu,  
Meu bom e generoso Deus,  
Como pai me escolheu...  
Meu bom Deus me responda,  
Como pode alegria tanta,  
Ser transmitida de forma sincera,  
Por um pequeno ser que encanta,  
Através de um sorriso e doçura singela.

Cariri, 28 de Outubro de 2008

## Sobejo - Beijósó

*E o que me sobra  
É teu sobejo  
Do teus braços desarmados  
Ao meu abraço amado  
Junto ao beijo  
Dos lábios que um dia  
Foram meus!  
E se o céu teu  
É escravidão  
No meu céu  
Vivo solto  
Pois no piso  
Do que faz mel  
Não há gaiola  
Que me prende  
Se no teu véu é alçapão  
No meu é só alpendre  
É verso de paz  
No armador só amor  
E a rede à ninar  
O acalanto A(r) sós  
Pois no meu sol  
Canto só  
No meu canto o Fá em mim  
O Ré Sol Fá Lá Si do pouco  
De mim prá ti  
No si bemol da flauta  
Se hoje tu faz falta  
Na quina só o refrão  
Canto só a balançar  
Sob o sol da solidão.*

*Sobejo em Beijósó*

*Roberio Motta. 18 de Julho de 2020*

*Estado de Graça do meu CARIRI.*

## Engenho da Saudade

Que doce melodia  
Doce mel da nostalgia  
Mel do dia que se foi  
Hoje é verso que contagia.  
A vida doce com seu tacho  
A cana da vida e seu cansaço  
A doce alma que se espreme  
Fazendo melado enquanto geme!  
Só tu engenho da vida  
Que na caatinga esquecida  
Fazia da espuma doce e batida  
Enquanto o ronco do motor  
Inda chora tua partida.  
Entravam Kaianas  
Saíam águas ardentes  
Nos alambiques sobreviventes  
Dos doces engenhos de canas.  
Saudades do engenho de moer  
Da Varjota distante e sua vida  
Dos bois, do ir e da vinda  
Dos domingos ao dia  
Com avô Domingo e a Vó Maria  
Da sede do suor que res 'pinga'  
Da doce lembrança a doer!

*11/07/2020 Estado de Graça do meu CARIRI.*

*Uma Homenagem aos meus Avós Maternos Domingos Saraiva Né e Maria Canuto Saraiva.*

*Fazenda Varjota - Ipaumirim, Ceará.*

## A pequena Pardal

Ouvi ao longe seu cantAR

Com seu estilo chanson

A pequena a bailar

Com coração Gassion.

Nas Pigalle de Paris

Édith Giovanna

Soprava sua eterna voz

Edite e re-edite para nós

Por favor em peço Bis.

Pequena de salto alto

E de voo altiplano

Que de tantos desenganos

Padeceu e sofreu

A espera do arauto.

Sem paz e Com 'ais'

De infância difícil e solitária

Fazia do palco a poesia



Com suas vestes sombrias

Encantava enquanto sofria.

*A Edith Giovanna Gassion - Edith Piaf Cariri, 04/06/2020 Motta, Roberio.*

## Ponteiros

Por que tu marcas?  
Se quando passas esqueces  
Um pouco do seu  
Deixas um pouco do meu

Pois a vida é o próprio tempo  
É cada instante  
É todo momento  
E ao piscar dos olhos  
Deixa marca no pensamento

Cansado relógio ao vento  
Onde teus ponteiros  
Que não param  
Não se cansam  
Não dão pausas

Não amansam  
Seguem ao tempo  
Ao vento braços  
Cansados sem abraços  
Do tempo de limites  
De um tal ano vinte-vinte!

Roberio Motta, 05 de um 7tembro  
De Um tal Vinte Vinte.  
Estado de Graça do Cariri.

## Pausas...!

A vida precisa de pausas!  
Pausas para que se aflorem forças,  
pausas para tomada de decisões,  
pausas para novos rumos e ajustes de prumos!  
Pausas para viver, sorrir,  
ficar mais perto de quem se ama,  
de quem te fez o bem  
e te fez algo mais em um todo  
que só seria completo  
se estivesse este alguém!  
A bússola da vida começa por pessoas tão próximas,  
tão queridas,  
que nos ensinaram os primeiros passos  
e nos apoiaram nas primeiras quedas.  
Que nos ensinaram a ternura  
e a felicidade de ser pai antes mesmo  
de nascerem nossos primeiros e amados filhos!  
Felicidade é poder ajudar,  
dizer que aprendi!  
E, poder retribuir por tão pouco que seja  
o tão imenso que recebi!

Felicidade é compartilhar momentos bons  
ou desaventos!  
Mas gratificantes!  
CompartilhAR sempre!  
Com nossos melhores amigos,  
familiares e com aqueles que aprendemos a amar!

É sorrir enquanto o coração quer chorar,  
Mas, é, sobretudo respirAR a esperança  
de que tudo, algum dia e de alguma forma,  
sob o olhar sereno

e com o conforto dos braços de Deus  
vai terminar bem!

E, assim, nos sentiremos mais fortes,  
rejuvenescidos, em paz,  
conscientes da missão cumprida,  
mais serenos para novos desafios,  
novas missões,  
mais humildes para aceitarmos  
que nem tudo depende de nós.

Mas, sim da vontade do Pai dos pais,  
da vontade soberana de Deus pai todo poderoso.  
Mãe das Dores Rogai por Nós!

Roberio Motta,  
São Paulo-SP,  
12 de setembro de 2014.

## Caminho, ninho e Estrada...

*A caminhada é longa!*

*É um longe em quilômetros e um perto em conforto de nossos corações!*

*Por vezes temos dúvidas de qual caminho devemos seguir na estrada da vida.*

*São tantas curvas, assim como as dúvidas!*

*Aonde ir? Como seguir?*

*A lucidez da resposta vem em escutar a voz do coração.*

*Deus sempre nos guia!*

*É só pedir e escutar!*

*Nesta longa caminhada, de tantos obstáculos, Nossa Senhora nos acolhe, nos guia, nos ajuda e nos cobre com seu manto sagrado para termos o conforto que a decisão foi a correta.*

*Não porque foi tomada por nós, mas porque foi orientada por Deus pai e confirmada pela Mãe Santíssima.*

*Mas porque tanta certeza da escolha correta? Porque o conforto no coração só chega quando somos guiados por Deus para a escolhas dos caminhos certos, em horas difíceis, de curvas sinuosas.*

*Mas, após vencidas chegamos sempre à casa de Deus e assim, mesmo ao longe, nos sentimos em Casa pois estamos unidos em orações que se encontram nos pensamentos, nos corações e na casa do Pai.*

*Um sábio passarinho me fez escrever estas palavras, distante do ninho, próximo d'alma e do coração, neste instante e em paz!*

*Caminhando...*

*Sem "ais" feito casa de vô que acolhe!*

*Feito cobertor no frio!*

*Feito um Sábio Sabiá!*

*Pois a Deus nada é impossível!*

*Roberio Motta, Curitiba-PR,*

*20 de setembro de 2014.*

*INC Gratidão!*

## Sopro do MAR

*Feito tempo  
vento lento  
que  
não para  
de SoprAr.*

*Sopra vento  
Desalento  
Sopra vida  
Sobra Vida  
dos enCantos de lá.*

*Sob o vento  
Ao relento  
Girassóis  
a rodopiar*

*Gira mundo  
Gira fundo  
trazendo notícias  
de lá*

*No embalo  
Eu Rapallo  
Não me calo  
Ao ver o Mar*

*Leva vento  
Vento lento  
Sem tormento  
a afagar.*

## CARIRI: Um Estado de Graça

O nosso CARIRI belo,  
encantador,  
rico em natureza, história,  
cultura e nossa gente !  
Completo!

Sua rica história,  
sua geografia e paleontologia  
na maior reserva fossilífera do Cretáceo inferior,  
terra da grande nação Tapuia da qual pertencia os índios Quiriris/Kariris!

Região única e exuberante!  
Em que seu Verde Vale  
é abraçado pela abençoada  
Chapada do Araripe(Ara-Ari-Pe:local onde nasce o dia)!

Terras de cenário histórico-político  
De braço importante na Confederação do Equador !  
Onde a heroína Bárbara inda grita com dor clamando liberdade!

Terra de Cultura com suas bandas cabaçais,  
entre elas a dos irmãos Aniceto!  
E a doce flauta da Solibel!  
Do sereno Padre Ágio  
Das conversas e de prosa  
Das praças e dos campos  
Na Sé ou na Siqueira Campos  
Da Fé e educação  
Das escritas saídas da pena de Madre Feitosa.

Da rica xilogravura  
com os mágicos  
e eternos clichês da Lira Nordestina.

Dos cordelistas equilibristas  
da vida e sua sina!

Das vaquejadas,  
das abelhas a voltar após bailar  
e fazer escorrer o doce ouro de uruçú.

E o senhor Bantim à espera  
do final de tarde  
a servir seu sorvete inigualável  
e seus pudins que inda  
grudam no passado  
guardado perto de mim.

E no atalho(Assaré) e com maestria  
nascia com dom e magia  
de asas pretas e espelho branco  
fez da rima o seu canto  
da terra a poesia  
e sob o chapéu  
os escuros óculos  
guardando a vista cansada  
da vida amarga,  
do trovador sereno  
que fazia da sextilha seu remo  
a navegar na canção,  
a divulgar o sertão,  
seu povo e seu lugar,  
a vaca estrela e o boi fubá!

Meu Cariri não me deixes partir  
Nem no último pau-de-arara,  
nem pela doce ilusão  
Do ir e vir

Pois com o vôo da asa branca



vem a chuva e esperança.  
É feito colo e consolo,  
feito riso sem desaforo,  
feito cancela que se abre,  
feito grito de cheguei,  
feito riso pela fresta,  
água de pote em fim de festa.

Terra das esculturas em madeira  
Principiada com mestre Noza!  
Das peças únicas e coloridas  
em couro cores tingidas  
realçando o com brilho certo  
a assinatura de Espedito Seleiro!

Terra dos reisados e lapinhas  
De menestréis e cordelistas  
Da sanfona e poesia  
a flor da pele com Fidelis

Das rezadeiras e dos benditos!  
Do artesanato em palha  
das bonecas de pano  
da fé e dos desenganos  
da busca da retidão  
de quem foi torto  
das pedras cansadas  
da subida do horto!

Da argila que se transforma  
nas mãos do fascinante Travassus  
Da doçura que sai de Amadailton  
Com seus doces de várias formas

Da candura e das telas  
Do juazeiro antigo em aquarela

abençoadas em gratidão  
da eterna Dona Assunção.

Terra do nosso Santo "Padim Ciço"  
Das romarias e da compaixão  
Do perdão e do compromisso  
Com os ensinamentos  
Do Patriarca do Sertão

Terra que transforma vidas,  
acolhe e ensina  
Faz gente ser gente  
Sara o doente  
cresce com Fé e Oração

Do Crato histórico  
real e belo  
com suas fonte e histórias  
Em suas águas inda jorra  
Missão, catecismo e glórias

Da colorida e mágica Barbalha  
Da festa de Santo Antônio  
Dos seus ricos engenhos e alpendres  
Dormentes e distantes  
Inda enchem nossas mentes  
Dormentes do doce passado ausente.

CARIRI que canta e encanta!  
CARIRI iluminado  
CARIRI judiado seus males espanta  
Segue firme e apaga quem incendeia  
Leva fé na procissão das Candeias

De vista plena e linda  
Se vê Nova Olinda

com a casa azul que transforma  
crianças em gente  
que cria e contagia  
sob as vistas tenras  
das duas rosas  
que exalam o perfume da gratidão

Rosiane e a Violeta rosa de Paris.  
Do canto que sopra em giz  
Do tenro sorriso do além(Berg)  
que canta, encanta e faz bem.

CARIRI que foi mar  
Fez amar com seu museu  
Fez mapa para Santana  
criado por Plácido  
em sua cidade de brancas nuvens.

CARIRI que amo!  
Amamos!  
Um Estado de Graça!

Roberio Motta,  
Juazeiro do Norte-Estado Cariri, 24 de Nove de um tal de Vinte Vinte.

## Vitrine de Mãe

Juazeiro do Norte-CE, 04 de outubro de 2007, 22h07min.

Querida Mamã,

Que bom seria se todos os filhos pudessem escolher sua mãe.

Como se todas as mães, de diversas matizes e cores, diversidade de altura, peso, semblantes e sorrisos se encontrassem em uma grande vitrine. E pudéssemos, nós, filhos, contemplá-las por um bom momento. E, depois, sorrir e dizer em alto e bom som:

É aquela! É aquela que escolhi para ser a minha mãe!

Por vezes me levo a pensar: Os filhos não têm este poder divino de escolher a sua mãe.

Eu não tive! Nem um de nós tivemos!

Mas, tenho a certeza, que algo maravilhoso me aconteceu quando o ser supremo fez esta escolha por mim.

E disse: É aquela Roberio!

É aquela de estatura mediana, de olhar meigo, sorriso doce, de coração forte e generoso, de  *fácies* tão serena que inspira paz.

Sim, é aquela com uma rosa na mão. Aquela será a sua mãe!

Só um Deus de tamanha bondade pode fazer esta escolha nos presenteando para o resto de nossas vidas essa maravilhosa e única mãe.

E, se por um momento, tivéssemos esse maravilhoso dom da escolha, temos a certeza de que eu, Humberto, Christian e Rose olharíamos juntos na mesma direção, em um só sentido, para um só norte da bússola de nossos corações.

Olharíamos para aquela de presença singela, para aquela que nos transmite segurança e paz e sorriso de ternura.

Sim! Aquela de estatura mediana, com uma rosa na mão, que se encontra do lado esquerdo da vitrine da vida, bem juntinho ao coração.

Escolheríamos por diversas vezes que nos fossem dada esta maravilhosa chance: Escolheríamos você Mamãe!

Obrigado meu Deus pela maravilhosa Mãe que nos presenteou!

Aquela que nós devemos à vida e tudo que somos!

E, que também soube com este mesmo olhar cativante, escolher o pai também maravilhoso que temos.

Mamãe, Feliz Aniversário!!! Gratidão por tudo!

Dos seus filhos: Humberto Filho, Roberio, Christian e Rose.

Motta, R. 04 de outubro de 2007. Estado de Graça do Cariri.

## Gaietà

Aniversário Gaietà

Hoje é um grande dia para todos nós!

Familiares e amigos do nosso querido Gaietà se encontram para celebrarmos esta sublime data que são os seus 80 anos.

E, neste momento com certeza passa um filme em sua memória relembrando sua infância, seus pais e irmãos, sua decisão de partir para o Brasil.

Talvez naquela época o mapa do nosso querido Gaietà era limitado ao norte pelos sentidos, pela família e pela terra natal. E, ao sul pelo medo, incertezas e desafios que eram ínfimos diante do desejo de um novo destino, do desejo de vencer. Estes mais fortes!

A busca por este destino o fez partir da sua querida Barcelona, lê-se Sant Boi de Llobregat, em busca do sonho, de seu novo caminho por este mar de longo e haver vista de terra.

Ribeiro Couto em seu poema Cais Matutino descreve:

*O longe que aspiro no vento salgado  
Tem gosto de um corpo que cintila e cheira  
Para mim sozinho, num mar ignorado.*

O sozinho de outrora dá lugar a uma família (Joana e filhas, genros e netos, cunhado(a)s, sobrinhos...).

O perto foi encontrado na forma de um lar com esposa e filhos.

E agora se completa com os genros e netos.

O também veio com a serenidade e a tranquilidade do dever cumprido. Da vitória alcançada!

Tentarei responder o motivo desta confraternização com um pequeno trecho de Cecília Meireles (Em O Motivo):

*Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem triste: sou poeta.*

Temos certeza da concretização do seu sonho, que sua vida está completa ao lado dos seus, da

sensação de dever cumprido. Como também sabemos que sua graça pela leitura, sua paciência em escutar, a sua voz suave e o pensamento de quem veio de longe em busca do perto, o faz também um poeta.

A busca de um sonho pode aqui ser remetida ao poema Jangadeiro (de Adriano Espíndola) o qual encerra-o da seguinte forma:

*As velas vão e voltam, incontidas,  
Sobre as ondas (do tempo).  
O jangadeiro repete antigos gestos de outras vidas  
Feitas de sal e sonho verdadeiro.  
Qual Ulisses, buscando repentino, a sua ilha,  
O seu rosto e o seu destino.*

Tenho certeza admirável tio Cayetano (Gaietà) que buscou o seu destino certo!

E, agora sobre as ondas do tempo, relembra o seu feito, a sua partida em busca do re-começo, depois de tantos anos através de seu embarque no Vapor Flórida.

Hoje é como este návio estivesse escalndo o Porto de Santos após sua partida da Europa.

Algum significado especial o fez guardar durante todo esse tempo o "bilhete" de sua viagem, a comprovação de seu embarque em busca do seu destino. Talvez como um marco de sua bela história que hoje, depois de longos anos, nos serve de "voicher" para este grande dia.

Como dizia Antônio Cícero:

*...Por isso melhor que se guarde o vôo de um pássaro,  
Do que um pássaro sem vôos.*

Assim sendo,

Tio Cayetano Mestres Mercader recordarmos hoje o seu vôo do nordeste da Espanha (Calalunya) para o Nordeste do Brasil (Ceará).

Felicitemos por sua conquista, por sua determinação, pelo prazer de tê-lo conosco nesta data especial para todos, pelo privilégio de etrmos um catalão barsileiro que se fez vida no Brasil após sua vinda.

Prezado Tio,

Senhor de Barcelona,

Filho de Saint Boi,

O tio, o pai, o esposo, o avô, o amigo,

O nosso Gaietà completa os seus 80 anos com serenidade, vitorioso por ter vencido pelo trabalho, dedicação e paciência.

Encerro esta singela e breve homenagem com os nossos agradecimentos à terra da Catalunya por nos ter apresentado este Catalão de coração nobre.

Visca el Barça i Visca Catalunya !

Visca Gaietà !

80 Anos de Cayetano Mestres Mercader

Fortaleza-CE, 20 de Março de 2006.

Do sobrinho Roberio Motta.



## Pardejar sem Doer

CARIRI um estado de Graça  
Que quando choves  
O verde nos abraça  
Trazendo saudades do voltar

E meus olhos ainda de menino  
Cansado no corpo franzino  
Se põem a marejar  
No desvario do seco rio

Nascido nas batateiras  
Riachos Grangeiro e Carás  
Do Olho d'Água ao Rosário  
Se espalha abraçando a saudade

E corre o Salgado desconcertado  
Indo a Icó, Cedro e Umari  
Baixio, Alegre Várzea e Ipaumirim  
Levando promessas do Juazeiro,  
Do Crato, Missão a descansar  
Com pernoite na Barbalha  
Raiar com acordes em Jardim

E a pena que escreve o mote  
É forte dentro de mim  
É do passante dos Buritis  
Do Brejo inda Santo e belo  
Abaiara, Porteiras e Jati

Segue Jaguaribe-Mirim  
E espalha tua alma salgada  
Cansada e cristalina  
Leva afora tuas mágoas

Que se afloram em tuas águas

Deixa na terra teu lamento  
Deixa no leito teu sedimento  
Carregas tem povo inda sofrido  
Nas tuas águas salgadas de tormentos

E hoje sentado com o descanso  
Carrego com a vida o simples  
O acatamento do pensamento suave  
A malva doce sem maldade

Sigo meus versos diversos  
Sigo a minha sina, rima e poesia  
Donde nas linhas da minha face  
Carregam os beijos de outrora  
E as agruras vividas

Das despensas vazias e (das) secas  
Das tardes que não passam  
Das passadas hoje curtas  
Dos pés do ocaso ao acaso

E ao fechar a tramela  
Na chegada do Sonoite  
Carregarei meu sonho do eu e ela  
Deitados entre cangalhas e esteiras

E no avivar da manhã  
Ir pra lida sofrida  
Buscar o Dicomer  
Esperar o cheiro da chuva  
De terra moiáda  
Das modas, reisados e lapinhas  
Das cores do meu sertão  
Que passa a ser alegre

Feito tu dentro de mim  
Feito cantiga de Passarim.

Agora carrego a felicidade  
Pois o céu tá bonito prá chover  
E em minhas mãos a debilha  
Esperando o pardejar sem doer.

Roberio Motta

Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri

06 de Junho de Um Tal de Vinte Vinte.

Uma Homenagem ao Rio Salgado(Jaguaribe Mirim, seus afluetes, suas cidades banhadas de vida,  
nosso povo tão valente e cheio de SER-tão).

## Apelo a um Candelabro

\*Apelo a um Candelabro\*

E esse sofrido Valpolicella?

Quantas palavras ouviu?

Quantos segredos?

Quantas confissões de amor? Quantos murmúrios?

Quantas músicas cantou?

embora baixinho, já que a sua voz estivera abafada por tantas lembranças derretidas,  
transformadas em sonhos,

em beijos, em quimeras mil?

Não, não fales mais, Valpolicella!

Assim eu te imploro.

Não te atrevas a contar tudo o que ouvires.

Reserva-te aos dias mais inspirados, às noites mais ardentes,  
aos desejos mais inconfessáveis.

Valpolicella, já não te pertences, sois parte de nós.

Até que amanheça.

*Paulo*

*Iguatú-Ceará*

*Terra de Eleazar de Carvalho*

*06 de novembro de 2020.*

É, pois, no teu mutismo

Que não guardo remorsos

Vives de remanso

Em teu rótulo flavo

Onde cai as lágrimas do tempo

Cria-se vida

Oh Lampadário

Meus sonhos embebidos

Nos teus também já vividos  
Inda recordar ao sacar a bucha  
Que sobrou do que antes era sobro  
Ensombrado sobreiro

Vi o galgar da travessia  
Anos, ciclos, datas, minutos, segundos  
Hoje mudo  
Outro mundo  
Cinco décadas depois

Demoradamente esperei  
Amarone Della Valpolicella  
Vi encontros e desencontros  
Vi o teu nu desarmado  
À espera dela  
Vê-la vela

Se não podes mais contar  
Nem mesmo soprar o assobio  
Distante e levado pelo vento  
Veneto só  
Esmagadas uvas  
Passadas feito o meu terno velho

Agora estás tu  
Feito um candelabro  
E tua roupa velha de velas  
Lagrimizam a te aquecer  
Fica vida  
Inda que sem sua alma  
Já degustada pelos convivas

Se não falas  
Não te calas  
Pois tua história

E tua memória  
Revive inda perto  
Juliano aprimorado  
Gregoriano renovado  
A escapar nas escarpas  
Do tempo que se foi

Marzo Maia  
Maiestas  
Hoje noviembre  
E as lágrimas pálidas  
Abraçam teu ventre.

Vive-se!  
Passa tempo!  
E a mesma luz que chama  
É a mesma que some  
Amarone!

*Roberio Motta*

*Seis de 9vembro de um tal de Vinte Vinte.*

*Juazeiro do Norte, Estado de Graça do CARIRI.*

*(Em resposta ao verso do amigo-irmão Paulo, Candelabro feito em um Amarone degustado em 26 de maio de 2020).*

## Privilégio desimpedido

Um soldadinho raso  
De soltas penas  
Que tenta se debruçar no poema  
A doce vida  
A labuta esquecida

A vela que se apruma  
O doce ar que perfuma  
O GastroArt e sua pluma  
Leve e contagiante  
Fazendo da vida  
Uma só melodia

De vidas ao sol  
No (lá) de nossas famílias  
No (si) de cada um de nós  
A relembrar (si bemol)  
O suado suor das notas

A vontade de sonhar  
Como d'antes  
Ser sombra de figueira  
Ser luz aprendiz

Se agarrar ao tempo  
Feito trinco  
Feito nó  
Sem desatar  
Feito coração de menino

Feito Dindinho gelado em feira  
Trocados em carteira  
Imã de geladeira

Das viagens que fomos  
Dos passantes que somos  
Das ondas que se foram  
Do feliz encontro  
De eterno que fica!

Soldadinho do Ara-Ari-Pe,  
22 de 9Vembro de um Tal de Vinte Vinte.  
Estado de Graça do Cariri.



## A pena de(a) ave

A pena de(a) ave

O que sai de minha alma

Já não é mais meu

Nem o verso

Nem o reverso

Nem o tema

Nem o poema

Nem mesmo a página

Hoje sem pena

É verso digitado

Sem afago

E só !

Saudade da pena afiada

Fina e biselada de ponta cinza carvão

Hoje nós a sós

E a noz de galha espremida em vinho

Se foi sem dizer adeus

Voou feito passarinho

Queria que voltasse o tempo

A pena sem penar

E o papel sem apagar

E no verso o dialeto

Sem teclado sem "deleto"

E, ao chegar dezembro

Devagar quase sem querer

Abraçar cada um

Deseja um feliz natal

Em poesia, rima e nostalgia

E relembrar mês a mês  
O bem que o tempo nos fez  
Nos aproximando  
Remando, teclando e respirando  
Amando, sonhando e se eternizando  
Escrevendo, tocando sem ao menos nos tocar

No digitar dos artelhos  
Na melodia de cada dia  
Nas suaves vozes a nos ameigar  
No clarinete a nos abraçar  
Na peça imóvel que contagia  
Na foto de paz e precondia

Soldadinho do Ara-Ari-Pe  
Estado de Graça do Cariri  
Vinte e 7 de 9vembro de um tal de Vinte Vinte!

## Baqueano pela estrada do tempo

Baqueano pela estrada do tempo

*No tempo da Rural Willys*

*A vagar estancieira*

*Indo rumo a felicidade*

*Carregava a família inteira*

*E o motor Ford OHC*

*De quatro cilindros*

*E noventa Hp*

*Tinha a cor da felicidade*

*E o sorriso de menino*

*Carrego no rosto a saudade*

*O simples*

*A simplicidade*

*O valor do amigo*

*Rever o bom e a picape*

*Ter por perto o tempo*

*O valor do antigo*

*Ser eterno feito vento*

*Ser momento*

*Ser tão simples*

*Se o quando partes*

*O teu distante que fica*

*É o teu contagiante que grita*

*Eterno feito verbo aboiar*

*Lento feito o sereno deambular*

*Doce feito cantigas de ninar*

*Tenro feito mãe a balançar!*

Roberio Motta,  
Dezesseis do doze de um tal de Vinte Vinte  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.

## Vela Plena de Paz

Que venha em vela  
Doce, lenta e singela  
Plena de Paz  
Branca vela  
Leve feito pena  
Branca nuvem  
Espuma bela  
Ancore amor  
Ancore o que faz bem  
Espalhe vida  
Nas palhas a balançar  
Soprando vento alento  
E o sol a beijar o mar  
E os pés inquietos a bailar  
Nina toca o belo canto de ninar!

*Feliz Ano Novo!*

*Viva a Vida!*

Roberio Motta

31 de Doze de um tal de Vinte Vinte

Aquiraz, CE.

## O Carteiro, O Selo e o Canteiro

Saudades da carta branca  
Dos alegres envelopados  
Do selo colado ao envelope  
Da carta amassada e borrada  
Pela lágrima esquecida no último postar seu

### Do Carmim, do amarelo,

dos correios chegando ao jardim!  
Trazendo linhas de notícias  
Em cartas com selos para mim

Saudades das cartas,  
Das doces palavras adormecidas  
Em escritas esquecidas  
do tempo que se foi.

Fazia parte do dia a dia  
A espera da ECT  
Da carta missiva  
Ou do retângulo de papelão fino com suas faces  
Do Telegrama de Morse  
Da vida que comove  
Da cola que não se remove

Hoje junto com as fotos  
Restam apenas álbuns  
Os envelopes se foram  
Junto com os postais e *cartuns*

Não mais vejo a farda amarelo-ouro  
Nem a mochila do carteiro

Com seu andar ligeiro  
Trazendo a carta, o alento e o canteiro

Fica na gaveta da saudade  
Guardando os selos da precondia  
Em cartas amarelas de nostalgia  
Os selos inda picotados

Hoje são só *hobby* de filatelia  
Fico a ver navios  
Com meu olho de boi  
Se as linhas se foram  
Ficaram as estampilhas

E quem não tinha jardim  
Tinha amor  
Tinha flor plena  
Tinha carteiro amigo  
E, na falta deste,  
Não faz mal  
Gentileza entregues meus versos  
Meu diverso ao averso  
Meus sabores de saudades  
Na última caixa postal!

*Soldadinho do Araripe,  
Nove de Um do Vinte Vinte Um,  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.*

## Dedos D"Areia

Se teus dedos de terra  
Querem me afagar  
Busca dentro de ti  
O que ficou sem magoar!

Só assim,  
Terás banhos de águas puras  
e barco para NavegAR !

Roberio Motta,  
06 de Dois de Vinte & Vinte e Um  
Barreirinhas, Lenções-Maranhão.

FOTO: @dj\_pqf



## Lupanares

Quanto bom no repente

Rima poesia na estrada dormente

Grita por um revés descontente

Enquanto o minuto passa

E a dor sente.

O peso da vida não tem balança

Enquanto um geme outro dança

Um chora gritando eu nasci

Um berra descontente do que se passa

Um velho uma menina abraça

E na janela esquecida da solidão

Viver é poesia e alento

Ser grato é profecia e não tormento

A cana do tanque que anima o homem

Já foi pendão empenado piajota

E no refrão do tempo que se foi

Tem saudade e anedota

A moçoila descontente de outrora

Já sorria encantava e partia

A inalante universitária espalhada no salão

Nos clubes, nos carnavais e bangalôs

E o deus momo vinha vindo

E com ele o rodo, rodouro e o rigoleta

As marchinhas, os cordões e os blocos sorr-indo

E a opulenta Glorinha de braços abertos

Era alegria e acalmava a dor

De costas para a cidade olhavam os trilhos de ferro

O macio barro vermelho olhava a chegada

Dava adeus a partida

Com o sorriso da despedida

A despida e o vai e vem

E a cada dezembro

Fazia frio em me lembro muito bem

E as altas e nativas barrigudas

Sopravam a lã branca

E dos frutos soltavam as plumas

Corriam em desafio

Junto ao vento frio brumado feito flocos de neve

Depois derrubadas

O choro inda hoje se ouve

Os gemidos e bebida quente

O outrora hoje ausente

Os trilhos sem a estação

E o branco agora era do calcáreo gesso

As histórias dos travessos

Vividos deleites e emoção

Sobra saudade branca

Clama inda o homem travesso

Trocaram os lupanares

Pelo um tal do avesso progresso

Há se pudesse eu voltar o tempo

Feito um auto reverse de um TDK

Teclava o volta tudo

ou mesmo um saudoso aboiar

Pois o que fez bem é alento

E o tempo que passou

Não sopra mais o mesmo vento

Nem o trem sonho azul passa mais

Nem as cantigas e nem nossos ancestrais

Pois se em uma mesa tinha Evaldo, Nelson e Soriano

Na outra Aurino, o repente e a serpente!

O calabouço, Chico curto e o Neném

E a nostalgia abraçada com a saudade

Na calçada alta do que se foi

O auditório de Pedro e sua bandeira

A cajuína de Seu Tico e o bálsamo de Dotô Geraldo

A Praça, Tetê doido e pibite

O Príncipe Ribamar da Beira Fresca

A quadra Cornélio, o treino e o arrebite

O soquete, o bingo e as cartas

O orelhão, o calçadão e o distante

Tão longe e quase se foram

Hoje mais perto do coração e da poesia

Só existe o verso, o capítulo e a precondia!

Soldadinho do Ara-Ari-Pe

Onze de Dois de Vinte Vinte Um

Estado de Graça do CARIRI

## ALUAMENTO

Esplêndida minguante  
Feito rede adormecida  
Encanta e apaixonona  
Lua eterna espairecida.

Hoje o teu crescente  
Com tem ângulo noventa  
Que adentra no meu quarto  
O teu enxergar semicírculo  
E eu descendo a ladeira  
No encanto dos paralelepípedos.

Tu d'Antes passiva  
Hoje tu crescente  
Teu canto com a sereia  
Teu romance com a estrela

Tua Canoa Encostada  
E tuas vestes despidas  
É um pouco da luz  
Do antes que conduz  
Da encosta lavada  
E da lua encrustada

Querendo abraçar e amar  
Lembrando Chico da Matilde  
A prece, o vento e o mar  
Onde tuas falésias  
É filme, é dança que encrespa  
É a canoa quebrada  
Feito eu sem ti  
Feito vento sem soprar.

Soldadinho do Araripe,  
Dezoito de 2 de 20Vinte&Um

Crédito Foto: J. Guedes - Lua dindinha Lua

## Não sabes a dor de um homem

Não saber a dor de um homem  
Ver sua família passar fome  
Seu nome já sem sobrenome  
Sua sofrida vida com os seus

E o tal de *louco e mal*  
que o governa a dor projetou  
Traz mais dor e sofrimento  
Que só o pobre e seu lamento  
Entende o que sofre e já sofreu

O pobre *comerciante*  
Deixa de honrar como antes  
E seus ombros se estremecem  
Vendo o peso da obrigação  
Ao ver as duplicatas chegarem  
Sofrer sem poder pagar não

E o que antes era honra  
Vira o caos e a desonra  
Em não poder mais trabalhar

Vem a fome e o desatino  
Os olhos marejados do menino  
E o pai em desespero  
Sair a pedir caridade

O vírus é reimoso  
É triste e tem a coroa do mal  
Traz morte e clamor  
Onde passa deixa seu rastro  
Lamento e indignação



E o homem acuado e preso  
Prisioneiro em sua pobre casa  
Se contamina mais veloz  
Fazendo da fome seu algoz

Lamento da dor e penúria  
No canto da casa triste  
Cheia dos seus e de fome  
Vendo o mal que se consome  
Bate na porta sem compaixão

Mas o estado é quem gera a dor  
O apelo e o adeus  
Assim, crie leitões!  
Pague bem ao dotô!  
Valorize a enfermagem  
Crie "ar" e menos dor

Faça da história um nome  
Com honra sem malversação  
Traga de volta os respiradores  
Que comprados  
Nunca chegaram não

Faça a abordagem precoce  
Salve vidas! Não diga não!  
Pois detrás de cada homem  
Há uma família, sonho e gratidão.

Não deixe o tempo passar  
Gaspeando na contramão  
Pois é no tratamento precoce  
Que salva vidas sem contestação

Senhor governa a dor  
Faça seu dever de casa

Use a verba já chegada  
Com serenidade e amor

Pois o povo dentro de casa  
Morre mais rápido, só e com imensa dor  
E a cada um que se vai  
Falta o alento e sobre saudade

Se teu *louco e mal* resolvesse  
Estávamos bons e seguros  
Salvos e com vida  
E tu ainda vens tocar na mesma ferida?

Do fique em casa e não saia  
Se sair a culpa é sua  
Enquanto o dinheiro vaga  
eterno feito a lua

E tu que me diz fique em casa  
Nós a espera do feijão  
Eu em minha alugada casa  
Enquanto tu em sua mansão

Minha casa é pequena  
Maior é minha esperança  
Nos dois cômodos além de  
Tem minha esposa e as crianças

Os primos chegaram de São Paulo  
A tia com a mudança  
Pois na falta de emprego  
Um ajuda, outro arrancha

Senhor governa a dor  
Deixe o palácio e o jato  
Venha de carro conhecer cada canto

A cidade, o campo e a dor

Visite cada município do estado

Escute e anote o clamor

Do povo que já passa fome

Esperando alívio para sua dor

Escute a barriga roncado

A dor da fome do sofredor

E as contas sempre chegando

Sem luz pois esta

Até a Enel já cortou

Já vivo louco e mal

E este tal de *lockdown*

Faz mal, muito mal

Se o mesmo resolvesse

Já tinha passado com a tal primeira onda

*Lockdown* seria bom, mas para os seus

Os meus são muitos e sem sustento

A cada boca sem sorriso

Casa pequena e cheia de lamento

Pois na ideia que tu persistes

Perdi emprego e o sossego

Fecharam o comércio

A indústria e a bodega

E a justiça inda cega

Quer prender quem sente a dor

Soltando os meliantes

Escravizando com terror.

Soldadinho do Ara-Ari-Pe

Treze de Março de Vinte Vinte e Um

Estado de Graça do CARIRI.

## Veritas Vincit

Faz muito tempo  
Que tu vieste sonso  
Levando nossos sonhos  
E alguns dos meus

Tempo que faz falta  
Sem teus ponteiros  
Que nunca apontam o terminar  
E eu feito jangada sem vela

Sem o teu colorido de aquarela  
Esquecido feito Marambaia  
Desmilinguido  
Indo sem ar  
E o mal vindo  
Sem ser bem-vindo

Uns que se se acham donos da veras  
Sem reboco  
Sem primavera  
Onde nessa construção  
Uns saem mortos  
Outros pobres sem ação

E o medo que tu insistes  
Em me imputar  
É teu desejo de morte  
Enviesada atravessada  
Sinistra feito o teu falar

Onde de tua fala só tu és o bom  
O dono pleno da verdade  
Limitado pelo teu tom

De ódio e agonia  
De encarnada ironia

Nefasta arrebetada  
Do rebento impedido  
Do feticídio empunhado  
Da bandeira sem revalida

Do tom descontraído  
Perdidos sem alento  
Escravos sem visão  
Querem manter os cravos  
Inversos na mesma mão

Enquanto olhas caolho  
Meu olhar é de dois  
Penso no meu país  
E nos outros que virão depois

Se teu nó é cego  
Meu desatar é calmo e doce  
Pois o verbo acalantar  
Faz parte de minha estrada  
Aprendi com o antes  
A enxergar o depois

Se teu dizer não tem penar  
Se teu rebento cai na contramão  
Eu sou teu inverso  
Lúcido e de pés no chão !

Soldadinho do Araripe  
Vinte e Três de três de Vinte Vinte 1.

## Rumo ao Sol - O Grande Encontro da Família Motta 200 Anos

Hoje à noite iremos para mais perto do sol!

Não por nós!

Mas, pelos nossos!

Levaremos em nossas bagagens de vida os ensinamentos de união, honestidade e perseverança!

Será um memorável momento, mais um capítulo de nossas vidas será escrito por cada um de vocês!

Percebam a grandiosidade de Deus em nos permitir VENCER desafios, CAMINHAR rumo ao sol pela VIDA e pelas VIDAS que hoje distantes dos olhos estão mais próximas aos nossos corações!

Mais uma vez percebam que não iremos por nós e sim pelos que nos ENSINARAM e nos ENSINAM a sabedoria de VIVER pelo bem e com o BEM! Perseverar sempre esta é a nossa marca!

E, O tempo é nosso aliado!

Respiremos, pois, com o sentimento de GRATIDÃO e com a certeza da ALEGRIA do sorriso de Vovô Argemiro Motta de Carvalho e Vovó Clothildes em nos ver UNIDOS e representando TODOS da nossa família!

O Clã de Argemiro Motta de Carvalho.

O esforço de cada um de vocês em se ENCONTRAR e abraçados nos enche de ESPERANÇA em saber que o FUTURO é logo ali e caminha ao lado do PASSADO, do que foi bom e teima em ser eternizado em nossos corações!

Viva a Vida!

Viva a Família!

Abençoada Viagem!

Levem suas câmeras das retinas, ouçam o pulsar de seus corações e caminhemos juntos com a VIDA hoje e sempre!

Afetuoso abraço!

*Roberio Motta, 17/10/2019 Juazeiro do Padre Cícero, Estado de Graça do Cariri.*

*Saindo em caravana rumo a João Pessoa-PB para o Grande Encontro da Família Motta ? 200 Anos da chegada do patriarca Ricardo Fernandes da Motta.*

## Regaço & Ar brigo

Neste cenário Cansado  
Ser verso  
Ser poema  
Escutar o trio quarentena  
Que Traz sol a cada manhã

O sax de Juruena  
As peças de fênix de Felix  
Os versos da Bahia  
Os dedilhados de James  
As canções de tardes  
Itapuã por Uyapuran

Tantos pois  
E o jeito acanhado  
Que Espalha vida  
Espelha alma da penumbra  
Trazendo notas de sorte  
Eterno pianoforte  
De cordas esticadas  
Batidas aos pés  
Ao piano o Moisés

Sintam-se todos abraçados  
Levem meus versos  
Abracem os braços cansados  
Estrofes do diverso  
Meio truncados  
De um coração apertado

Mas que inda pulsa machucado  
Faz trutá inda bê dois  
No ritmo poético



Dos que inda escutam  
Os sonoros batidos  
Hoje poucos esquecidos  
Pelos inversos do que se foi

Relembro suave Betânia  
Em uma Curitiba distante  
Com sua doce e Bela voz  
Que Inda ecoa constante

Tem o nosso Piauí  
Forte feitos os Astecas  
E da fazenda suave  
Sopra vida o mestre Zaterka

São tantos nomes nobres e distantes  
Me perdoem a pausa que pulsa sem seu nome  
Pois o teu sensível e imaginativo.  
É o mesmo deste aprendiz de sonhador

Andei um pouco afastado  
Distante e meio sumido  
Acordei com a poesia  
Do sereno andarilho que contagia

Isso me deu vida  
Que só os nobres  
Fazem da rima serenidade  
Do verso eterna caridade  
Dormi dormente e cansado  
Acordei diverso e animado.

Peço paz  
Peço vida  
Peço abraço

Sem despedidas

Peço encontro

Peço mesa

Peço risos

Peço oração

Pois quem canta

E Quem toca

Quem seus males espantam

Unir a poesia sem precondia

Pois o que pra uns é beira

Pra outros é orla

Mas, no encontro da poesia

É o amor que nos consola

É regaco

Onde se descansa

É cansaço do sobratempo

É albergue e acolhimento

É no gastroArt

O ar do abrigo

Poesia e vida com alento.

Soldadinho do Araripe

Nove de 4 de Vinte Vinte e Um

Estado de Graça do CARIRI.

## Pisada

Pisada

Na pisada da vida  
Da labuta espremida  
Do teu nascido esquecido  
Do passado antes adormecido

Lambuzado de tenro amor  
Repetido feito lamento  
Feito o cantar do quero-quero  
A espantar a boiada sem temor

A ser oposto da estrada  
Cantando longe do ninho  
Afastando os incautos da dor  
Sendo afago semblante do menino

É teu céu de viajante  
Sem ver o véu que ficou distante  
Suado e pálido de dor  
Canta quero-quero  
Na pisada do cantador

No teu pisado lento  
Segue o jogo do passatempo  
Feito vento desarmado  
Desamado e aninhado em mim

No bater tenro das asas  
Por um momento sem ponteiros  
E cheio de cor  
Bate-bate no peito a abrir  
Doces penas do colibri

Estrada de curva e poeira  
Gibão de couro suado de poesia  
Estendido no corpo do seguir em frente  
Da dádiva da vida de uma torrente

E quando este tempo lento se for  
Feito o sol indo cansado se por  
Faremos a releitura dos capítulos  
Vividos inda vívidos no pensamento

Feito um eterno catavento  
A soprar vento leve de paz  
Com coragem de ser melhor que antes  
Ser Quixote, ser menino, ser Cervantes

E ao chegar em casa  
Encontra a sala pronta  
Os santos abençoando no pequeno altar  
E no canto uma rede para se deitar

Dois armadores sob poucas telhas  
Paredes cheias de reboco e sonhos  
Uma cadeira com o alforge de Caçador  
E o menino de sorriso esquecido  
Perto do veludo cão fuçador

Nordestino és muito com pouco  
Carregas no teu Norte o prometeu  
O segredo da vida e do jogo  
Das cartas inversas nos versos dos cordéis  
O rio seco e cheio de sol

O meu frio é teu rio  
O meu sol é o teu vou  
E o que me prometeu

Fez-se segredo da vida  
Fez fogo que já se apagou

E em teu rosto de dobras encardidas  
É mais forte que tua dor  
Guerreiro valente que ensina  
Levando o lavar das almas dos teus

No teu pisado forte e de dor  
É forte marca e deixa calo  
Larga pisada pronada  
Que espera no céu azul  
A branca asa de alento  
Trazida pela ave de arribação

Enquanto o cego de ódio vai  
E o fundo açude hoje seco  
O teu lodo se desprende  
O teu tu não se prendes  
É feito alma de coral

De canto vivo  
De água viva onde d'antes  
Existiam conchas adormecidas  
Se que foram no colar do desalmado  
No pravo pescoço do perverso

E de tanto do ir para se encontrar  
Descer a mendigar distante  
Ao encontro do abrigo sem querer  
Fez nascer muito mais que sonhos

E no teu sorriso inda tristonho  
De tanto ir e de tanto penar  
Fez do teu soprar um titã  
Que volta com a chuva ao teu lugar

E no retorno sem lamento  
Sem mais a tristeza da partida  
Volta de cabeça erguida  
Apruma a pluma leve esquecida

O teu nó na garganta já desfeito  
Ao beijar o teu amor antes distante  
Encontrando os teus como antes  
E a mesma rede estendida que espera

Sem demora sem vexame e sem agonia  
Feito o abraço da paz no desavento  
Feito lodo preso na mesma rocha  
Feito flor que no campo desabrocha

Pleno feito luz de candieiro  
Vendo teu mundo de volta  
Do mesmo jeito que deixou  
Sem lamento doce vento  
Que fecha a porta com a batida  
Do adeus de quem já chegou

Nordestino teu riso e teu penar  
É mais forte que o teu caminhar  
É Mestre Vitalino e o caboclo de lança  
É bumba meu boi do Maranhão

É ser tão do Cariri de Aldemir Martins  
Com suas pinturas e esculturas sem dor  
É Travassus e suas mágicas mãos de argila  
É Fidelis e sua Flor do Mamulengo  
É mestre Noza com sua madeira esculpida

Nordeste o teu lamento  
Nunca será esquecido

Nem tua arte e o teu cantar  
Que faz do repente um hino de louvor

E a rabeça que chora a tua dor  
A Sanfona de Luiz e do trovador  
Os benditos para o céu de clamor  
Faz de cada estado cifras e versos

E se a meu Padim eu peço  
É porque meu sofrido Universo  
É reflexo do meu caminhar  
É fruto da benção e da dor  
É um falar disperso

É canto de cerca  
É mourão, é engenho  
É algaroba, é Juazeiro  
É menino que corre ligeiro

Nordestino tem sentimento  
Tem a *pena* da Lira Nordestina  
Que resiste e se reinventa  
Nas capas de Stênio e Abraão

Na flauta doce da Solibel  
No cuidar da arte da gravura  
Na madeira e na tinta  
José Lourenço com a xilogravura

E se teu chão antes rachado  
Era choroso e esquecido  
Hoje o teu pisado  
É dança feito xaxado

Onde foi tédio e agruras  
Faz nascer o sachar feito dança

Celebrando tuas façanhas  
E o plantio do feijão de arranca

Tua fé sem cansaço  
A tua criança no teu regaço  
É espelho de tua vida  
e traz a bravura do cangaço  
Sina doce da batida esquecida.

Motta, Roberio  
Soldadinho do Ara-Ari-Pe  
Dezesseis de Cinco de Vinte e Um  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.



## Aguardamento

Feito rede apertada  
Feito eu com tu  
E os corpos nus  
Engavetado em um só

E o armador só fitando  
Enquanto o nó se fazia  
Ah teu sorriso vinha  
No balanço de peito aberto  
Feito sorriso doce  
E teus ais se expandiam  
No semblante do amor

Não sou ninguém  
Sou um eterno aprendiz  
Amigo do vento  
Pensador  
Caminhante  
Primo do tempo  
Pisador

Pois sendo assim,  
A espera  
A paciência  
A resiliência  
São irmãos  
Caladas  
Sentadas  
Grudadas feito imãs.

Soldadinho do Ara-Ari-Pe  
Estado de Graço do Cariri,  
Vinte e 3 de Mayo de Vinte Vinte & 1.

## Luar de Anelo

Se eu pudesse comprar  
Só uma lua  
Ah , Ar ! compraria eu  
Como tu não é só minha  
Eterna e faiscante lua

Fico a te enamorar  
Calado sem você  
Cansado ao te ver  
E distante suspiro  
Brilha tu , oh diamante!

Penumbra eu afastado  
Tenro céu seu exuberante  
Afagas nuvens distantes  
Véu e grinalda como d'antes!

Fica branca linda  
Redonda esfera branca  
Irradia o doce da volta  
Seu estrelares deslizados

Sobre sua alma calma  
Ilumine o que se foi  
Deságue o desatino  
Eterna lua sem destino.

E eu que fui criado desatado  
Feito pedra de atiradeira  
Feito rio de eterna beira  
Feito canção de ninar

Fui sim criado desregrado

No verso desenhado  
Feito carrinho de rolimã  
Da carrapeta assanhada

Das descidas de tobogã  
Dos banhos sem piscina  
Da bicicleta insubmissa  
Do vento e da brisa

E da noite esquecida  
Inda juntando figurinhas  
Do álbum incompleto  
Da carrapeta sofrida

Pelo cordão da vida  
Do triângulo de bilas  
Bolas de gudes para alguns  
Para mim tento doce feito febre sã.

Motta, R  
Vinte e 9 de maio de 20 e 1.  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do CARIRI.

## Benfazejo Cantador

Entrei olhando  
Entreolhando-nos  
Meio vagaroso  
Assustado com o desconhecido

Dormente entristecido  
Aplastado pois! Mas, vivo!  
E pela fresta esquecida  
Iluminou a hora marcada

Benfazejo  
Bem vejo  
Respigando  
Respirando

Um canta a dor  
Um Trovador  
Uma Cantiga  
Antiga, medieval

Em busca do Norte  
Na métrica do meu verso  
Atravessando Redondilha  
De paz e sorte.

Assim, seguirei !  
Levarei  
Junto aos meus sonhos  
A paz na bainha da vida!!

Seis de Seis de Um Tal de Vinte Vinte e 1 !  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do CARIRI.

## Parapeito Alumiado

Vi sorrisos sem avisos  
Vi olhares nos seus risos  
Vi histórias e corações  
Abertas feitas sonoras canções

Tenras feito suave brisa  
Doces janelas abertas  
Feito a janua da saudade  
Januellam estavam elas

E no peitoril onde se debruça  
Descansa a vida  
Aprende a lida do bem  
Encantados pela casa azul

A pequena porta afável  
Ventilada rosa do viver  
Rupestre arte onde nasce o dia  
Imã verde da vila

Casa grande do bem  
Ancoradouro da paz  
Donde a estrela luminante  
Descansa sob o altar

Assim seguem suas janelas  
Abertas para o antes  
Longe para o alcance  
Do eterno depois.

Roberio Motta  
Vinte e 7 de Seis de Um Tal de Vinte Vinte e 1.  
Estado de Graça do Cariri.

## Gigantes da Mansidão

Em um mundo inverso,

Veze em quando eles aparecem.

Descem da mesa plana de nossa Chapada onde nasce o dia (Ara-Ari-Pe) soprados pelos ventos dos bons.

Trazem sempre em seus costados pesadas mochilas, não suas!

Mas, dos minguados esquecidos, pobres mirrados cheios do peso da avidez e da cupidez com suas alças de parcialidade presos per si, pobres mortais.

Os gigantes não se importam!

Seguem e respiram o ar puro,

lutam por um mundo límpido

pois são resilientes moldados de ternura e valentia.

São únicos, são pouco sim!

As vezes um só!

Estes escrevem façanhas únicas.

São meio Quiriris, meios Gibborim.

Olham sempre ao longe.

Pois, trazem junto aos seus corações os valores ensinados pelos seus.

Seguem destemidos empurrados pelos ventos da verdade e da paz.

Olham sempre avante pois enxergam quem está ao lado

e carregam em seus nobres corações o peso leve feito a mesma bruma que os guiam pela estrada da vida que poucos ousam caminhar,

outros tantos julgam conhecer os atalhos.

Certa vez um mestre me falou:

'O ter passa!

É eventual.

Já o ser este é perpétuo!

Destemidos gigantes seguem com seus valores e plenos de paz!

Pois carregam a bagagem boa dos seus, a leitura suave, os doces capítulos que só os bons escrevem e eternizam-se.

São assim!

Gigantes!

Eles existem e são cheios de verdade, de solidariedade e de paz!

Roberio Motta

Três de 8 de um tal de Vinte Vinte e Um

Estado de Graça do CARIRI.

## A Mina de essência e O Mimo do Ninar

Em tempos difíceis,  
dia a dia ,  
seu dedilhado suave do bem nos embalou  
e nos embala de fé, esperança e paz!

Feita embalo de mãe!  
O ninar da música do bem!  
Feito os ponteiros da vida  
Que caminham no vai sem vem!

Feito doce límpida água  
Que corre a nos banhar  
Feito sorriso de menina  
Corre a doce melodia do ninar

Feito sina do bem  
Feito rima de sonhos  
O verbo ninar puro  
Tenro, solto e sonoro

Tudo em um verbo só  
Todos os dias ao acordar  
Com os acordes  
Nina a cavalgar sonhos

Mina da Alma boa  
Essência do mimo ninar  
Dedilhas profunda com seu interior  
A afastar com seus doces versos  
O Canto sem canto da dor.



## Bárbulas que não se calam

Um pouco ausente  
Meio distante  
Fazendo da vida um verso  
Do repente um instante

Em pausas relembro de todos  
Em ventos, sonetos eu peço  
Perdão pela minha ausência  
A labuta distancia a batuta

A pena embora leve  
O vento não leva  
Nos une feito um cálam  
E as bárbulas que não se calam

Com o sopro do criador  
Na escrita por riba do papel  
Sob o sol claro da manhã  
Teço o verbo azul do céu.

Doze de 9 de Um tal de 2021  
Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.

## Condir

Seu pedido é uma ordem  
Vindo de tão nobre amigo  
É na feitura que a gente se encontra  
É na chegada do beco da fantasia

Andar pelas estradas de Penedo  
Suas esquinas, becos e ar-brigos  
Fazer do passeio um costume  
Andar rumo ao berço em pingos  
Andar abençoado na Santa Cruz do Curtume

Quantos encantos e espelhos  
Deitados pelo São Francisco  
Nabucando na Joaquim  
Atravessando a nostalgia  
Relembrando bons momentos

Ninho bom de Benfeitores  
Ninho bom dos Marinhos  
Basta chegar e se encontrar  
Fechar os olhos e assistir sem dores

E as velas alumiando  
Espalhando versos pelo caminho  
Bom Jesus eu te rogo  
Peço paz e transforme redemoinhos

Peço a rede e o balançar  
Peço a volta a Penedo  
A mesma da sétima arte escondida  
Das 7 casas sem medo

Peço as calçadas altas

A fazer reverência ao grande rio  
Peço dilúvio de assobios  
Peço ternura aos que jaz

Peço reencontro com todos  
Banhados de eterna paz  
Peço pontes e invernos  
Peço risos e menos 'ais'.

Ao amigo James Ramalho Marinho  
Em resposta a sua solicitação - Penedo sem Medo  
Roberio MOTTA  
17 de Ou TU b-r-o de um tal de Vinte Vinte e 1.  
Estado de Graça do CARIRI.

## Jaz Jatobá

Tomba um gigante de histórias,  
Adormeceu.  
E levou junto a sua sombra.  
Deixa paixões nas memórias,  
Jaz jatobá,  
Vais ao tombo dos ventos,  
E leva teu pranto,  
que junto ao meu espanto,  
traz a força no desavento.  
Planta térreo pleno e espera mais,  
Décadas depois,  
Nasce pois mais tenro,  
e inocente no futuro eterno.  
Imponente onde dantes  
Tinha um lamento em última seiva,  
Chorando o tormento  
que para alguns foi passatempo  
para outros invernos.  
E, depois, nascas para ficar eterno Jatobá.  
Tombas,  
Jaz!  
Jatobá...

## Soldadinho do ARARIPE

O canto de uma ave  
É um convite para viver  
É o despertar para a simplicidade  
É encanto sem padecer

É chuva em terra molhada  
É saudade sem doer  
É feito abraço apertado  
Do amigo vestido de bem-querer.

Roberio Motta  
Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, Siará -  
"onde canta a Jandaia"  
Onze de 10 de um tal de Vinte Vinte e Um .

## Feito rede apertada

E depois da corveia  
Distante o gado muge  
E eu no caminho dolente  
Avisto ao longe o contente

Indo só em caminho da vida  
Buscando paz e guarida  
E o suor na roupa espremida  
Nas dobras da labuta esquecida

Feito rede apertada  
Feito eu com tu  
E nossos corpos nus  
Engavetados em um só

E o armador só fitando  
Enquanto o nó se fazia  
Solapado teu sorriso vinha  
Era noite fria não mais vazia

No balanço de peito aberto  
Feito cocada sorriso doce  
E teus ais se expandiam  
No semblante de amor.

Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri  
No Trinta e 1 de Outubro de Uma tal de Vinte Vinte e 1.

## Carta a Um Amigo

Meu iluminado irmão Wilsinho

Acordo hoje tendo como dever lascivo aliado a turbação e saudações para ler esta matéria tão expressiva para todos nós leitores do noticioso A Praça.

Não por acaso deixei esta leitura para hoje! Precisava do abraço de domingo, precisava da manhã, precisava da paz e silêncio para contemplar a história dos bons, do dever cumprido com justeza, cumplicidade e ternura que só estes sopram com o vento da saudade.

Li uma vez mais para se compreender a linha da vida, o trilho do tempo, a porta da despedida.

Li para compreender, afagar a alma e venerar os seus que passaram a ser nossos pelo convívio e irmandade.

Quantas vezes acordei aos domingos escutando a voz de sua mãezinha perguntando por você após a reinação da noite passada?

Muitas! Recebido com alegria quando me hospedei em sua querência na terra da água boa.

Dançamos abraçados com a vida cheios de jovialidade e sonhos.

Acordamos inda cheios, porém desta feita de banzo que só os que marcam deixam.

Vi a candura de Dona Amália e o irrequieto pela vida Zuilton.

Vi no mirar de seu iluminado pai o contemplar dos justos, o doce amor, o ver com o coração e o seguir com o tempo.

Você e Zuila são filhos abençoados! Seus filhos também. E, nós como irmãos da ópera da vida nos sentimos presenteados por irmãos que escolhemos.

Só há um sentimento que liberta!

Este é a gratidão!

Digo sempre que 'A gratidão Amansa o coração'.

Assim seguimos!

Não mais por nós.

Mas, pelos nossos que se foram e pelos nossos que ficarão.

Gratidão ??

Receba meu amplexo extensivo aos seus.

Em especial ao notável Sr. Wilson.

Seu primo-irmão e escudeiro,

Roberio Motta

Neto de Clothildes Norões Maia

Bisneto de José Norões Maia

Trineto de Ezequiel Norões Maia

7 de 9vembro de um tal de Vinte Vinte,

Juazeiro do Norte,

Estado de Graça do CARIRI.



## Poeta da Vida

Bom dia iluminado poeta da vida!  
Do nosso Cariri amado  
Da labuta que escorre  
Nas espremidas marcas do rosto

Do ser tão encantado  
Do ônibus lotado  
Do trova dor esquecido  
Do povo sofrido

Do Rio inda salgado  
Do descalço cansado  
Da chuva que alegra  
Trazendo paz ao coração!

Por Roberio MOTTA  
Em 4 de 9Vembro de 2021

Poeta iluminando é você  
Que pensa e escreve  
O que o outro que lê  
Pensou, mas, não sabe escrever.

Por Fidelis  
Em resposta na mesma calada manhã  
de uma escorrída de chuva no Cariri Cearense.

## A Voz da Foz

O teu Rio  
O teu fio  
Que despeja o que faz bem  
Corta caminhos  
Feito a linha do arraiano trem  
Que teima em cantar  
A cada ano sopra  
Invadindo estações  
Até desaguar sem mesmo  
Se despedir  
Sem mesmo piscar  
Daí parte  
Sem lenitivo  
Indo despejar sonhos  
No mar do silêncio de 'ais'  
De passante pelo la barranca  
Escuta teu apelo  
Por baixo da mesma ponte  
Onde se passa o passado  
Vestido de verso branco-pluma  
Até despejar seu eu  
Hoje perto d'eu  
Perto de mim  
Fortim!  
Ao Rio onde a onça bebe água- Jaguaribe  
Que nasce no salgado  
Pedra da Batateira, Cariri  
Saudoso corre longe daqui  
Passando perto de tu  
Iguatú  
Até se aprumar com velas  
Em marejados olhos no mar.

Roberio Motta

1 de Um de Vinte Vinte 2

Praia de Pontal de Maceió,

Fortim, Ceará.

## Fresta de luz

### *Fresta de luz*

Na mais estreita que irradia  
Trazida pela janela  
O alumiar do teu trabalho  
Acalma meu interior

O passa luz inda fenda  
Como um quadro de luz  
Com a leitura do mundo  
Como se o mundo fosse só um

Em tuas prateleiras vi tuas histórias  
Teus mudos mundos  
E a fisga ao fundo  
Mira a mesma fachada de arco abatido  
E as montras laterais  
Sob as três janelas retangulares  
Ladeadas pela Arte e Ciência seculares

Enquanto a platibanda rendilhada  
Simpática e meia confusa  
Remata tuas janelas  
Espalhando versos em vãos

De verbos fortes  
De palavras doces  
De canções tantas  
Que mesmo se contador eu fosse  
Não teria como matematicar

Três pilastras cansadas  
E os arcos inda quebrados  
Saudosos e marejados

Sem Eça de Queirós  
Sem o branco de Castelo  
Sem a paz de Guerra Junqueiro

E assim segue minha doce alma  
Subindo as escadarias  
Indo em busca do elo perdido  
Do belo, do som do esplendor  
Enquanto o cansado Lello  
No carro da dignidade no trabalho  
Espalha amor aos livros  
Espelha seu canto de dor

Ao fundo o meio obtuso  
meio retângulo  
meio confuso  
inteiro seria se eu  
pequeno que me prometeu  
pudesse guardar teu nú  
Juntar travesseiro, pena e carmim  
Trazer de volta Florbela Espanca  
Sem mágoas e sem vossa dor

Demasiado sigo a procura  
Entre becos e berros do vir  
Se o escuro dentro de mim  
Sem teu tu sem meu eu  
É mesmo que eu sinuoso  
Feito o douro escorregadio  
Vadio tonto envolto de brisa  
sem dor e sem sentir teu jasmim.

## Pedras de Atiradeira

Pedras de atiradeira

Admirável amigo

e poeta da Vida

Gratidão!

Sua fala é como pulsar

O som do nosso sertão

É zabumba dos irmãos Aniceto

É flauta doce das bandas de pífano

donde dos olhos de bambu

saem a melodia do sol de meio dia.

É gemido da rabeca

teimando no ser-tão

É caboclo sonhador

gritando por seu torrão.

É triângulo lengo-lengo

alegre com a plantação

É reisado de cores,

é inverno,

é feijão.

É canjica e forró a dois

é cantiga a serenar

é manteiga da terra

é nosso baião de dois.

É acauã indo embora

pro mode a asa branca chegar

Trazendo chuva e alento

feito cantiga de ninar.

São fogos de artifício

Cortando o azul céu

Feitos pedras de atiradeira

É menino de engenho

A se lambuzar com o mel

E o galo de peito grená

inda canta seu canto de dor

é sovelo esquecido

E o gibão suado e sofrido

Guarda a alma do sonhador

É fé e esperança,

é o olhar da criança

é nosso povo mestiço

é romeiro a tirar o chapéu

Pedindo benção "Padim Ciço".



Roberio Motta,

1 de Abril de Vinte e Um, Estado de Graça do CARIRI.

Em resposta ao colega poeta e amigo *Dr. Iderval Reginaldo Tenór*

## Retina

A luz do meu caminho  
Quando o meu eu se encontra  
Se faz Porto e certeza  
De que nunca estarei sozinho

Meu sol Meu eu  
Eu e tu Abraçados  
Feito nó que fica  
Feito dó de quem não fica

E, quando a saudade apertar  
Vento traz de volta  
Sopra vida a balançar  
Feito palmeira de praia  
Feito canto de ninar

Feito brisa suave  
Doce menina Luísa  
Voa ao longe o passarinho  
Traz os raios inda de luz

Mostra a estrada  
De volta pro meu ninho  
E, quando longe tu ires  
Distante dos olhos

Serei teu mundo  
Distante pois  
Meio mudo  
Meio pela metade  
Sentirei inda saudade  
Te trarei com o arco-íris.

Teu pai!

Para minha filha Luísa

Hotel Vila Selvagem, Praia de Pontal de Maceió, Fortim-Siriará

Vinte e 7 de fevereiro de Vinte e Vinte e 2.

## Terno de Couro

O melhor de tudo

É o cafuné

Feito tempo de dibuia

De fartura no sertão

Feito tempo de menino

Da carrapeta e do chiado

Feito dengo arrojado

Na rede do chamego devasso

Isso tudo me faz lembrar

O ofício e a tradição

Dos curtumes inda presentes

Nas doces horas de solidão

Era a Família inteira

Na arte do curtimento

O salgar após a esfola

O remolho é passo da ribeira

Traz fulano o couro inda cru

Calado onde antes era capa de boi

Hoje é no fulão que começa o caleiro

O curtir e o tingir de choro suado

Amaciando o que será ouro

Transformando o meu sentir

Em um belo terno de couro

O sorriso e o curtir

O chegar e o partir

O crescer e o esperar

E os irmãos a prosperar

Saudades da alcaçaria  
Dos valores como o trabalho  
Da honra e fidalguia  
Da sina hoje nostalgia

Pele fria feito meu suor  
Mistura tua capa inda coberta  
Até cair com a cinzas o que foi teu  
Seis dias e seis noites  
Depila no esturricado sertão  
Pra se tornar arte que prometeu

E a sovela cansada  
Fazendo furo a furo  
Preparando caminho pra linha  
Que entrelaçará nossa costura

O caleiro hoje só  
Purgando onde dantes foi curtição  
As fazendas hoje esquecidas  
E no reflexo do açude velho  
La estão as chaminés da reflexão.

Terno de Couro, por Roberio Motta  
Em 12 de Julho de Vinte e Vinte e 1.

## PEDRINHAS

E eu quase indo pra lá  
Sonhando horas sem fim  
Medo te num ter você  
De outro ter chegando antes de mim  
Pegar o sobejo  
Ficar a mesa solto e só  
Sozinho sem ninho  
escutando Evaldo  
E, como num salto  
Te vejo esguia  
Faceira  
Limpa  
Pronta  
Minha !  
Pedrinhas !

Vinte e 4 de Águas de Março de 2022.

## Dobradiças do tempo

Inda somos sonhadores  
Penados de asas em plumas  
De versos em rumas  
De saudades nas rugas  
Cansadas pisaduras  
feito dobradiças do tempo  
Mourão esquecido ao vento  
Terra nua de árvores abatidas  
Aves léguas da partida  
Água doce inda sobrevivida

E no balanço da rede  
O Acoradouro é armador  
A saudade é na alma a dor  
Feito a lavanca esquecida  
Lenço em lágrimas espremidas  
Remando, cantando feito trovador

E eu que ia beber  
E serestar  
Preferi voltar  
Ao sapé  
Ficar inerte  
Sorr *indo*  
Deitado  
Enrolado de ti!

Um 10 de Abril de Vinte e Vinte e Dois  
Estado de Graça do Cariri

## No Teu Mundo

No teu mundo sem fim De habilidades muitas De Minas ao Tocantins Poeta, violeiro e cantador De pena fácil Grafia rica O teu verso tem asas Teu porto sem cancela Na essência Portuense Na sina tua porta aberta Tuas frases tocantinas Sem desatinos Saiu de sua terra com Tierras Fez voz e poesia Faz voz na caligrafia Aos que inda ouvem Aos que inda sonham Aos que teus versos usam voam! Leves depois aportam Em páginas livres Engomadas de poesias Estradas construídas De idas e vindas De Minas que ensina Do que toca em volta Da volta a toca Sem fins Tocantins! Soldadinho do Araripe, Tretze de Abertas portas de Abril de 2022.



## Andarilho

E nos meus passos mais lentos

Mais leves

Sem mais a mesma pressa

A contemplar, pois

Os dormentes sob trilhos

No olhar o mesmo brilho

Tenro, doce

Sigo a estrada

Sigo pois

Pleno a pulsar

Sentindo as quatro estações

Buscando minhas estações

A sombra figueira que descansa

Sem o cansaço das andanças

Vi ao longe o que me chamas

O alumiar da velha chama

Que inda aquece a quem ama

Desci do vagão

Fiz pausa

Sentei-me a espalhar a poeira

Vi em cada beira as sementes que plantei

Algumas penduradas em estantes

Outras dispersas em tantas mentes

Fazendo coro de ciência e poesia

Que queres Figueira?

Me deste sombras sem sobras

Brisas ao relento

Vens a caminhar

Fincado estarei

Enquanto me empresto meus pés

Fiz nome de rua

Contei estrelas

E vi luas nuas

Recomposto

Levantei-me

E segui adiante

Pleno, irradiante

Recomeçando

Com o mesmo brilho

Agora não mais só

Mas, com todos

Sementes aprendizes

Crescendo em outros ladrilhos

E eu como sempre quis

Andando andado ao ninho

Andarilho.

Roberio Motta

Dezenove de Um Aberto Abril no Ano de Vinte e Vinte & 2,  
Estado de Graça do Cariri.

Uma homenagem ao nosso iluminado amigo e Ilmo. Prof. Dr. Schilioma Zaterka (SP) .

## Palavras Soltas Aos que Inda Ouvem

És rico com pouco pois te sobras fé

Motta, R. Maio de 2021.

"Se a gente não tiver como mostrar o passado  
não teremos como caminhar para o futuro!"

Motta, R. Junho de 2021.

Hoje lutamos não mais por nós,  
Mas, pelos nossos que se foram  
E, pelos nossos que ficarão!

Motta, 07 de Nove de 2021.

A gratidão amansa o coração!

Motta, R. Maio de 2017.

É pelos nossos que somos,  
É pelos nossos que seguimos  
É pelos nossos que iremos!

Motta, R. Outubro de 2019.

Depois da vida

É a Liberdade nosso bem

Mais precioso!

Motta, R. Abril de 2020.

É no ser

Que estamos

No ter que passa

Não nos encontramos

Basta, pois, SER

Basta gratidão

Basta SER tão.

Motta, R 19 DE 09 DE 2021.

Passará!  
E o anuviado  
Se transformará em celeste vida  
Esperança viva  
Cielo blu!  
Motta, R. Maio de 2020.

E no caminho que fazes  
Sua história  
Seu livro tenro que escreves dia a dia pleno de calma  
Cheio de encantos  
Coberto de alegria e paz.  
*A Profa. Maria do Carmo Friche Passos em sua vinda ao Cariri.*  
Motta, R. 26 de Agosto de 2016.

A porta!  
Na porta entreaberta  
Como o coração da solidão  
É bordada do dourado  
Que traz *pra* perto  
A esperança dos que voltarão.  
Motta, R. Fevereiro de 2018.

Nobre Maestro  
Sua determinação é envolvente  
Feito abraço de mãe  
Feito asas de pássaros a voar  
Feito cobertor que agasalha  
Vinho que anima a alma  
Coração que pulsa  
Feito chama que grita pelo ar  
Fez paz que teima em não nos deixar  
Feito nó da saudade  
Feito calçada animada do interior  
Feito bruma que segue suave

Apesar do lamento da dor.

*Ao Iluminado Maestro João Carlos Martins*

Motta, R. 25 de 02 de 2019.

Jatobá

Tomba um gigante de histórias

Adormeceu e, levou junto a sua sombra

Deixa paixões nas memórias

Jaz jatobá

Vais ao tombo dos ventos

E leva teu pranto

que junto ao meu espanto

traz a força no desavento.

Planta térreo pleno e espera mais

Décadas depois

Nasce pois mais tenro

e inocente no futuro eterno

Imponente onde dantes

Tinha um lamento em última seiva

Chorando o tormento

que para alguns foi passatempo

para outros invernos

E, depois nasces para ficar eterno Jatobá.

*Em resposta a queda do Jatobá pelo forte Vento na Fazenda do amigo Edgar Antillon*

Motta, R. 29 de Dezembro de 2018.

O dinheiro pode mover gente

Mas, não move sonhos !

Motta, R. 01-12-2021

A poesia

É o pensamento do coração

Motta. 29 de Abril de 2022.

## Lutaminha

Quero o abraço mais apertado  
O mais tenro amor  
Quero o simples  
Quero o olhar  
Quero o sonho  
Quero o luar  
Quero o berço  
A rede a balançar  
O nino e o ninar  
A doce menina  
Feito brisa  
Minha Luísa!

Pra você  
Minha filha  
Minha vida  
Um pouco de  
Meu céu  
Meu EU !

Dezenove de 11 de um tal de Vinte Vinte e Um!  
Seu Pai!

## Verde Terno

Forte

Feito teu tu

Forte feito nossos Quiriris

Forte feito as minas do Coxá

Em uma Aurora ribeira do médio salgado

A observar a obra do filho de Ingazeiras

Aldemir Martins

De pinceladas fortes

Que ultrapassam o próprio tempo

O gato que bebe na caqueira

O pássaro em busca do alpiste

O cangaço a passar distante

O conde na estrada do sonho

O médico baiano sem flor

Na busca do serrote dos minérios

Cobre, ouro e mistérios.

Forte feito nossa Chapada

donde nasce o dia irradiando

um pouco de cada um de nós

Forte feitos nossos gigantes que existem sim

e sopram a cada dia de lá pra cá

Deixando contente o que dantes era triste

E seu sopro se ensurdece

na Serra do Horto em reverência ao nosso Santo

E trazem acalanto sob o céu inda azul

Forte feito a feitura de si

Do verde terno de gigantes

Que tem o nome de Chapada

E abraça o nosso CARIRI!

Motta, R em Doze de 6 de Um Tal de Vinte e Vinte e Um.





## Saudade:...

É o que fez bem  
Perto do coração.  
É memória do cérebro,  
é afago da solidão.

É o que fica de quem não fica,  
É porta entreaberta,  
Janela encostada,  
Tramela da emoção.

É asas da dor do pensamento.  
É brisa suave  
que teima em abraçar  
os distantes da visão.

É água fria,  
É doce da vida.  
É rede espremida  
no punho da ilusão.

É mundo passado  
teimando ser sol em noite.  
É claro aceso,  
É brasa que se esfumaça  
Deixando nuvem no céu da emoção.

É resto bom  
grudado em lata vazia.  
É roda gigante,  
Carrossel de melodia.

Saudade é dor suave  
Que rói sem corrosão.

É cancela ao distante,  
É flor em suaves mãos.

É rádio sem o radioamador  
É goma com ovos e sal  
É óleo de filhós  
Daqueles inda mornos  
Que faz salivar a emoção.

É mesa posta  
É cadeira sem assento  
Cheia do verso que fica  
É lua do dia a dia  
É noite,  
É precondia.

É pleno quase sem nada.  
É terno ao cabide,  
É vestido vazio,  
É jardim que inda reside.

É quarador estendido  
Escola em fim de semana  
Teatro de fechada cortina  
Terra molhada de água que se foi.

É roupa enxaguada  
No varal da solidão  
É luzeiros alumiando  
O vasto mar da escuridão.

*Motta, Roberio*

*Treze de Julho de um tal de Vinte Vinte e Dois.*

*Fortaleza, Siriará ? Terra da Luz.*

## Vitrine de Mãe II

*"A vida é um instante entre duas eternidades. É preciso abandonar o futuro nas mãos do bom Deus... Nada acontece que Deus não tenha previsto desde toda a eternidade. Eu não morro, entro na vida. Guardar a palavra de Jesus, eis a única condição de nossa felicidade."*

Santa Teresa do Menino Jesus ou Teresa de Lisieux(Santa Terezinha das Rosas).

Querida Mamãe,

Que bom seria se todos os filhos pudessem escolher sua mãe.

Como se todas as mães, de diversas matizes e cores, diversidade de altura, peso, semblantes e sorrisos se encontrassem em uma grande vitrine. E pudéssemos, nós, filhos, contemplá-las por um bom momento. E, depois, sorrir e dizer em alto e bom som:

É aquela! É aquela que escolhi para ser a minha mãe!

Por vezes me levo a pensar: Os filhos não têm este poder divino de escolher a sua mãe.

Eu não tive! Nem um de nós tivemos!

Mas, tenho a certeza, que algo maravilhoso me aconteceu quando o ser supremo fez esta escolha por mim. E disse: É aquela Roberio!

É aquela de estatura mediana, de olhar meigo, sorriso doce, de coração forte e generoso, de *fácies* tão serena que inspira paz.

Sim, é aquela com uma rosa na mão. Aquela será a sua mãe!

Só um Deus de tamanha bondade pode fazer esta escolha nos presenteando para o resto de nossas vidas essa maravilhosa e única mãe.

E, se por um momento, tivéssemos esse maravilhoso dom da escolha, temos a certeza de que eu, Humberto, Christian e Rose olharíamos juntos na mesma direção, em um só sentido, para um só norte da bússola de nossos corações.

Olharíamos para aquela de presença singela, para aquela que nos transmite segurança e paz e sorriso de ternura.

Sim! Aquela de estatura mediana, com uma rosa na mão, que se encontra do lado esquerdo da vitrine da vida, bem juntinho ao coração.

Escolheríamos por diversas vezes que nos fossem dada esta maravilhosa chance: Escolheríamos você Mamãe!

Obrigado meu Deus pela maravilhosa Mãe que nos presenteou!

Aquela que nós devemos à vida e tudo que somos!

E, que também soube com este mesmo olhar cativante, escolher o pai também maravilhoso que tivemos. Hoje longe dos olhos e mais perto de nossos corações!

Oh Nossa Senhora: te entregamos nossa preciosa mãe!

Mamãe, Gratidão por tudo!

Dos seus filhos, netos, bisneto, sobrinhos, irmãs, cunhadas, cunhados, amigos e toda a família.

Poesia: Vitrine de Mãe dedicada a Rita Araújo Motta

08 de setembro de 2022, Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.

## Balaio da Vida

Balaio da Vida

E tu com teu corpo cansado  
Chacoalhado de solidão  
Indo embora com teu longe  
Soprado por fina frestra da entreluz  
Alumiada de ser-tão.

E o que restou foi o vazio  
Feito pote emborcado  
Rodilha encardida  
Amparada no fogão  
E a piaçava encostada  
Via tudo ao inverso  
O verso ao averso  
O sol da carne ao leite  
O bule e o matulão.

Enquanto me ia espremido  
Deixando por lá um pouco de  
Tu inda abraçada em mim  
Não mais por teus braços amassados  
Mas, por teu impregnado perfume  
Sorvendo inda a jasmim

Na escora cansada da espera  
A porta, o tapete e a janela  
O saleiro encostado a panela  
A salgar lágrimas do adeus

E o pisar querendo olhar para trás  
Me traz um pouco do que já fui  
Mesmo enquanto indo sem ir  
Com os pés acorrentados com o que se foi.

E o tempo rodeando o lamento  
Via a cama coberta de ausência  
Os sapatos sem a valsa da tua presença  
O acorde dos pássaros sem a toada  
E teu corpo suado com a toalha  
Melancólica sombra da sobra manutenção.

Banzo banco do balaio da vida  
Senta a Saudade e a precondia  
Irmãs caladas sentadas  
Vendo o vento do tempo dia a dia  
O sol, a peneira e o varal  
A terra seca até mesmo do teu pranto  
E a avistar de longe seu encanto  
Guardei pronto e engomado  
No mesmo canto o teu canto e o manto.

Roberio Motta

Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri  
12+ 1 de 9'vembro de Vinte e Vinte e Dois.

## Janelas da Vida

Janelas da Vida

O tempo não é meu  
Não é meu o tempo  
O vento que sopra  
Vai junto com o pensamento

As estradas que percorri  
Não tão lampeiras como o vento  
São as estradas que escolhi  
Caminhos e desaventos

E o tempo que passou  
Éolos do momento  
São ponteiros distantes  
Não voltam o que cansou

Ponteiros não descansados  
Embalados pelo tempo  
Fogem sem controle  
Sem afago e com lamento

Teu relógio nunca parou  
Tua escrita é alada  
Voa feito verso  
Caminha feito toada

Ah..! janelas da Vida  
Das encostas esquecidas  
Dádivas das escolhidas  
Frutos de velas espremidas

Não sejas feito o vento

Que por vezes derrubas  
Ora afagas  
Acolhidas flores de estradas

Pois o vento que passou  
Não voltas com a partida  
Nem a janela entre/aberta  
Não é a mesma porta contida.

Motta, Roberio  
Cinco de 1 de 2023  
Samoëns Morillon des Alpes Françaises.



## Farruca

Farruca

Estendi tudo teu  
ficou só um pouco de mim  
O que não carregou  
guardado no meu teu.

Tenha dó  
Não faça *sol* por *si*  
Notas "*Sol*" - tas sem mim  
Que fazer por *mi*  
Sem teu *sol*  
Só me resta o *ré* e o *lá*  
Sem acordes  
Na tua dormida dormente  
Pois acordes!  
E faça mais *Si bemol*  
Acima de *lá* e uma abaixo de *si*  
*Sol* suspenso e *fá*  
Pra ser vida  
Com *Fá*, *Ré* e *Mi*  
E a pestana segurar  
A música e teu tudo  
Comigo e todas as notas soltas!

Roberio Motta

31 de 12 de 2022

Quai Turrettini 1, Geneva, Switzerland.

## Ícaro e seus sonhos

Poder recordar  
Poder viver em recortes  
O longínquo  
Poder flutuar no que se foi  
Poder rememorar desafios  
Poder caminhar e olhar o antes  
Escrever,  
Marejar,  
E sorrir!  
Com o olhar que fala:  
Venci!

Roberio Motta.

Poema:

Ícaro e seus sonhos

1 de três de Vinte e Vinte Três, Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri

Em homenagem ao dileto José Hugo Lacerda Machado:

De menino das ruas do Crato, oriundo da Serra de São Pedro ao Gigante Empreendedor do bem além-mar. Um gigante iluminado ao longe com seus Luzeiros. Verso feito após término da leitura da obra O Caminho se faz ao Caminhar recebido como presente em 21-10-2022 do autor José Hugo Machado.

## Matrinxã

Matrinxã

O caminho se faz caminhando  
Na estrada cansada ir andando  
No torto das curvas suar suando  
Feito teu triste rosto longe deu  
Com as dobras das linhas do tempo  
Se ajuntando no eterno meu

A tórrida terra cansada  
Abraça a maniçoba e a favela  
Ao longe a mesma cancela  
O pisar e o pesar sem os abraços dela

No torrão o canto da ema  
A meia porta quase aberta  
O boi que inda escapa com a jurema  
E o canto triste e vago da janela

No árido-seco que ficou  
Após o marejar dos olhos teus  
Fitados de avelã quase mel  
E o sono acordado sem teu céu  
Na busca do gado pela caatinga  
Segue Catolé o vaqueiro  
Montado em sua burra formosa  
Seguido por seu cachorro ligeiro  
Ficastes tu no prumo e sem abismo  
Planos pés e suadas mãos  
E os chinelos pareados namorando  
Calados e pisados no rés--do--chão  
Fui embora encostado na lua da sela  
Mingando feito a luz da lua de hoje  
E as vagas estrelas ao redor

Amigas do teu brilho sorriso indo...  
Pilham no adorno do teu brinco  
No chicote os pernoites de açoite  
No lóbulo o peso dourado do mimo  
No coração a vivacidade com o simples e o tino

Fiquei ficado de pálida cor  
Inda vago meio esperando  
Teu inverno e o teu verso  
Cheio de eu mais tu  
Feito baião quente e grudado  
Torresmo de lombo molhado  
Queijo coalho derretido  
Versos ventos indo e vindo  
Alados agarrados ao teu suado nu

Passados agrestes do que se foi  
O cutelo finda sem pressa  
repousa só na triste pedra  
E na cartilha a história e os costumes  
Na memória os nossos e os curtumes

A história aos Motta montes  
sem que se desarrume  
O couro curtido e o perfume  
O pescar, o penar e o cardume

Na lenta escassa água inda doce  
descansa a incansável matrinxã  
Com seu nado lento laranja  
Rio acima cama a cama  
segue suave com suas escamas  
A linda prateada jatuarana

No lá fora o silêncio e o desatino  
No Cariry a peça sem preço em apreço

Em paz os pendurados Fuzis Mauser  
Cena do tempo em respingo

Ao longe revejo a Varjota  
Sem nós e seu rodar de engenho  
Sentir sem ser dormente  
A vasta dor do ausente

Vinha a ver o que mais via  
Domingos aos domingos de precondia  
Escorria a fita vagarosamente  
Brincam os meninos contentes

Lá fora os milhos tudinho bonecando  
Vó Maria sentada com as espigas  
A tirar o milho do sabugo  
E a longa saia preta presa ao chão  
E os grãos e a espiga em suas mãos

Na cozinha o leite, o açúcar e a canela  
E a minha mãe sempre mexendo  
A leitosa saudade  
que teima em grudar na panela

Carmelita falando sozinha:  
"Respire e deixe cozinhar um pouco"  
Passe o tempo pela peneira fina  
Polvilhe a história da memória pois  
E Inspire cada um de nós que se foi

Suspire e passe a sonhar  
Abraça a parada rede branca  
Presa na branca parede do tempo  
Sopra as asas da dor do pensamento.

Roberio Motta, Vinte e 4 de março de 2023

Juazeiro do Norte, Estado de Graça do Cariri.

\*Uma homenagem aos nossos antepassados, em especial a Família do meu querido pai do meu pai, Avô e Padrinho Argemiro Motta de Carvalho e sua história de determinação, coragem e fé desde a lavoura em Brejo da Madre de Deus-Caruarú-PE até o árduo trabalho com arte do couro e os Curtumes da família no agreste nordestino.

\*\*Nesta peça faço também homenagem a família dos pais da minha querida mãe(Rita) com meu longilíneo e querido Vô Domingos e minha doce Vó Maria em suas lendárias fazendas Capoeira Grande, Picada e Varjota na Lagoa Pequena ou Alagoinha antiga, Ipaumirim, Ceará.

\*\*\*A todos que se foram sem sair de dentro de cada um de nós recebam a nossa admiração, nosso respeito e nossa eterna gratidão!

## Cidade Luz

Já é noite...  
E tu, como eu  
Já começa a despertar teus ébrios sonhos.  
A flunar  
Cativantes  
feito vagalumes na cidade luz  
Dífíceis...  
Mas claros  
Inquietos  
Cintilantes  
E borbulhantes  
Feito a tua perlage  
Cadeados presos  
Uma ponte e a mensagem  
Marais e sua aurora  
O eterno a braçado  
Feito o amor de outrora!

Roberio Motta

Paris, Vinte e 9 de Dezembro de 2023.

## Estrelar

Do grito dos Reriús  
Das histórias de Chico Josa  
Aos que inda lê  
Um pouco da língua jê

Da serra de canto ao longe  
Da casa grande e a estrada  
Dos irmãos que eram onze  
Do que se foi na Ibiapaba

Oito léguas e uma sina  
Da cabana a Copacabana  
Muitos saíram noite de lua  
Levando apenas o sonho

Estrelê inda ficou  
José Maria do Rêgo também  
Enquanto Avó Rai e Coronel Manoel  
Nos feitos lajedos do vai e vem

O topógrafo de terras distantes  
Fez nascer um dos mares do sertão  
A pausa do rio preso e represado  
Na beira a alegria do descubertão

Quitéria Santa e a Varjota  
Reritaba e o Serrote dos Muniz  
A trazer da Cachoeira do Quandú  
O menino e o velho aprendiz

Da seca cansada de Oitenta e Oito  
Sobrou os Cactos-Cabeça de Frade  
A macambira e a oiticica



E o que tempo passou  
Pausado o que fica de quem não fica

O tesouro francês enterrado  
Vigiado pela lua e pelos Canindés  
E o Monte dos RAIMUNDO Rodrigues Martins  
*É teu nome cheio de ti que diz quem tu és*

O meu um dia se encontrou  
Com o teu sábio que guardou  
Estórias histórias vagas ao céu  
Nas manhãs no Fortaleza Hotel

Dona Olívia e teu mundo  
Que soprou à beira do Acaraú  
O que sai em verso dentro de mim  
Veio do perto longe do Croatá dos Martins

E Drenas a fatiar terras alheias  
Na feitura das águas que ficou  
O estrelar e suas pareias  
A família e a mesa grande que calcificou.

Roberio Motta, Onze de 6 de Vinte e Vinte e Três.

## O abraço da Casa Grande com a saudade

Um dia saberás a dor de um filho  
O abraço apertado que se foi  
A falta das bençãos dos pais  
Dos conselhos e o vento do depois

Fica a saudade e a casa  
A música e a alegria de outrora  
A luz de saudade da aurora  
O canto apertado agora vazio

O tempo, a porta e a velha chama  
A comida, as fotos e os momentos  
O sorriso, a renovação e o lamento  
O jardim agora de pétalas caídas

A porta fechada que não abre  
A gaiola agora triste e vazia  
Os natais, as rezas e outros 'ais'  
Fica o vento que abraça quem ficou

E o que fica de quem não fica  
O nó inda apertado que não desata  
O colo sem consolo e a rede espremida  
A vasta sala e na parede a cruz ansata

O pássaro passado que já não canta  
Na mente tanto filme e o corpo abraçado pelo lamento  
Na parede a foto da mãe santa  
Na varanda o voo das asas da dor do pensamento.

Roberio Motta,  
Vinte e seis de Oito de um tal de Vinte Vinte e três.

## Flores de Gravatá

Ah rosas minhas  
Ora caladas se põem a falar  
E as pétalas encolhidas  
Tímidas como suaves ventos

Exalam teu perfume  
Aromas do fomento  
E teu arbusto lenhoso  
Escuta o meu lamento

Cultivadas na Borborema  
As arvoretas do ameno  
As bromélias e os jasmims  
Se abraçam no encantado sereno

As pétalas que inda dobram  
Fazem pareia com o pensamento  
São estradas do que se foi  
No orvalho do firmamento

O tempo doce que passa lento  
O Broto, a serra e o rio  
A oração e o desavento  
A Capela nas Alagoas que deixei

E tu hoje de olhar manso  
No teu rosto de acalanto  
Faz parte da minha memória  
Feito teu tu escondido  
E o eterno enxerido  
Que teima em nos arrastar

Mas as pétalas do ninar

Encostadas ao olfato infinito  
No teu solo da história  
Da seiva és meu cupido  
No rosto as dobras do que se foi  
No fundo a raiz junta ao molhado abrigo

E os meus brancos cabelos  
Desfrisados pelo moinho de vento  
Presos a eternas juras  
Adubos de bons momentos

Corre o menino contador  
Com seus sonhos e suas lutas  
Na Gravata que assentei  
Enquanto ao longe se avista  
*'O tempo brincando ao redor do que plantei'.*

Roberio Motta

"Flores de Gravata"

Em homenagem ao Prof.Dr. José Roberto de Almeida

05 de 9Vembro de 2023. SBAD Rio de janeiro, RJ 2023

## Sonhar com o sonho, Viver com o sonho e doar seu sonho

Boa Noite a todos!

Estar aqui neste abençoado momento de homenagens ao querido Sr. Dedé Tavares é um privilégio e uma honra para minha humilde pessoa.

Um precioso amigo de conselhos paternos e valiosos.

Lembro-me a grande amizade e reciprocidade do querido Sr. Dedé Tavares e meu saudoso vô Argemiro Motta de Carvalho.

Corações bons que ultrapassam o próprio tempo e firmam herdade de coragem, determinação e fé.

Assim, falar um pouco daquele que faz o bem é deveras fácil. Pois, em várias ocasiões e lugares que presenciei só escutei cousas boas.

Só gigantes do bem espelham bons valores e costumes tão infrequentes atualmente.

Certa vez em conversa com Sr. Dedé ele com aquele olhar sereno, de voz mansa, mas, firme me disse: " Me sinto feliz quando o outro está feliz".

Mostra a benevolência deste grande homem que para minha pessoa hoje é uma grande reserva moral que nosso Juazeiro do Padre Cícero possui.

Daqueles que constroem estradas pavimentadas de sonhos e vontades que se transformam em projetos e conquistas não só para o senhor, mas, para outros tantos, que, ao seu lado caminham juntos com fidelidade rumo ao sucesso.

Sorrisos, conselhos, bondade, confiança, esteio e amizade são carregados em sua mochila de vida.

Só um iluminado tem a capacidade da feitura de

*sonhar com o sonho,*

*viver com o sonho*

*e doar o seu sonho para ser sonho de muitos !(Motta,R)*

Estes ricos de valores e de vida se tornam únicos, tenros e eternos !

Congratulações pelo honroso título de cidadão Juazeirense, por sua história e trajetória de vida admirável Sr. Dedé!

Receba meu cordial abraço,

Roberio Motta

24 de Onze de Vinte Vinte e Três

Crato, Estado de Graça do CARIRI.

## Meridiano

Teve o tempo  
Teve o molde  
Teve o vento  
E a geografia  
Todo o resto  
Que era o tudo  
Era tu feito mapa  
*todo mundi*  
Agarrado meridiano  
Dividido lado *alado*  
Feito linha ao meio  
Que escorrega rumo  
Ao mar levando tudo  
Abraçado pelo teu tu.

Motta, R.

Mandara Kauai,

Prainha, CE

Vinte e 6 de 12 do ano que se finda ...vinte e três.

## Repente

Nossa poesia  
Nossos versos  
Que nos afastam  
Da precondia

Nosso repente que inda sente  
Cheio de nostalgia  
Nosso olho no olho  
Enquanto um recita em harmonia  
O outro pensa na construção  
da outra estrofe que faz o solo da nova poesia

É o repente que de repente  
Nos faz lembrar do tudo  
Do mundo  
hoje mudo do que se foi  
Das juras eternas do que não foi  
Da carrapeta que não para de rodar  
Do jogo de bila, do banho de chuva e do açude  
Do tudo de outro mundo  
onde o ser  
Era muito mais que o ter

Enquanto o peito dói feito aperto  
Os que "os zói" que hoje não mais se vê  
Indo embora feito a lavadeira descontente  
com a chegada da máquina  
que hoje faz o espremer

E o todo do nosso mundo que de bom já se foi  
fica encostado a rima do que não nina  
e entristece o temer  
enquanto o homem substituído



pela máquina sem coração  
continua feito verso na rima da contramão  
Entristecido com o inverso do que não sente  
Não grita feito dormente  
Com a porta quase fechada  
O curral vazio  
e a estrada nua que caminha  
se apagando sob o manto da solidão.

Motta, R.

10 de três de 20eVintee4, JDO ? Estado de Graça do Cariri.